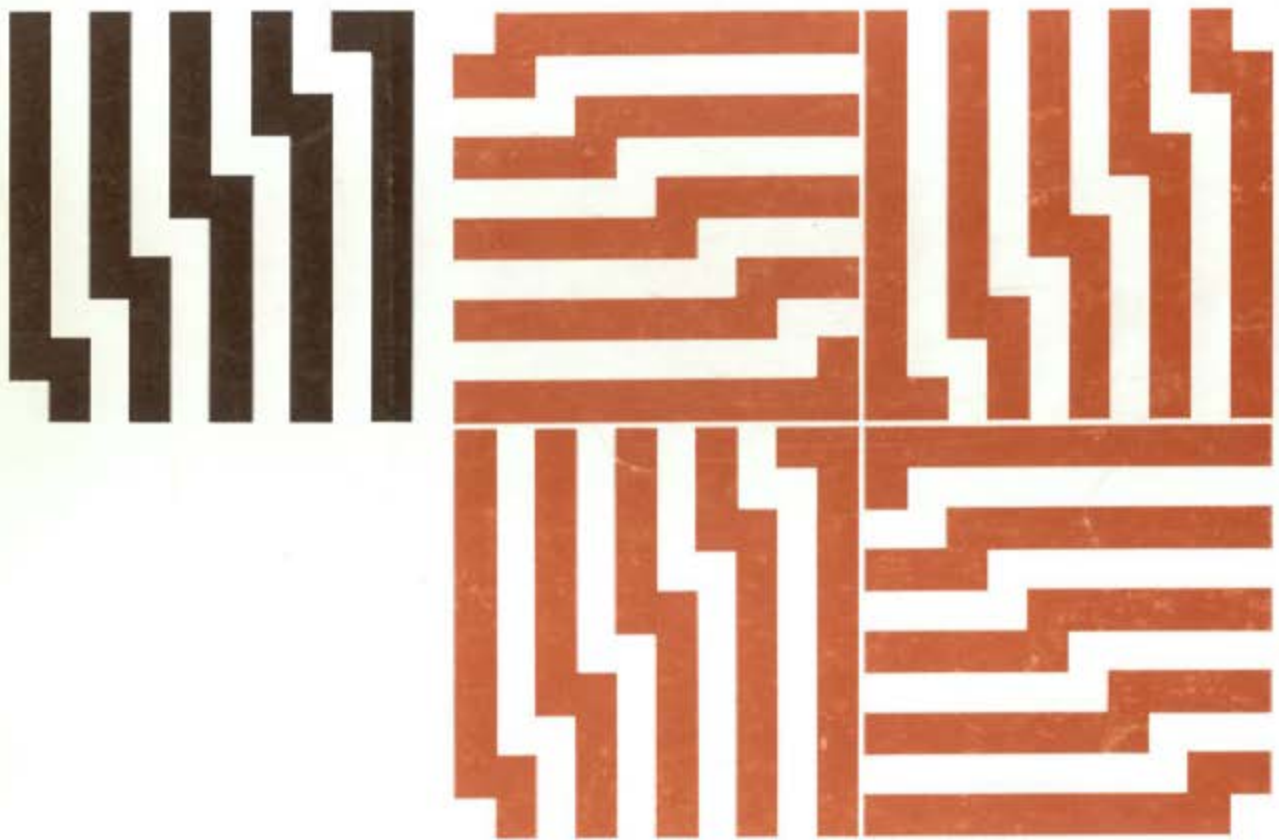


preto

REVISTA
NACIONAL
DE
ARTES
GRÁFICAS



VOL. II—N.º 1

JANEIRO-FEVEREIRO

1973

Grande offset M·A·N Color Metal Miller	Planas Tipográficas Johannisberg	GRAVURA ELECTRÓNICA HELL	Impressão sobre Folha de flandres e prelos offset Mailänder
Dobrar Coser a fio Coser a arame Brehmer	Guilhotinas Wohlenberg Perfecta	Câmaras Fotomecânicas Klimsch	Provas Electrostáticas Remak
Prelos Tipográficos Korrex	Fotocomposição Berthold	Colar livros e meter capas Sulby	Pequeno offset HAMADA
Repetidoras Misomex	Contagem de Papel Vacuumatic	Picote, Corte, vinco e Pautação SHAW	Impressão Automática e corte de etiquetas KEESE BLUMER

Composto em fotocompositora DIATRONIC em 50 min.

Temos todo o xadrez do equipamento gráfico.

Com estas peças, V. nunca será posto em cheque

K. SAALFELD, LDA.

Avenida 24 de Julho, 66
 Telefones 66 57 02/3

R. Campo Alegre, 620
 Telefone 6 64 53

L I S B O A

P O R T O

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Nesta secção e em todos os números Prelo registará, arquivará e repertoriará o maior número possível de textos de interesse técnico e documental sobre artes gráficas, aparecidos e publicados em revistas ou outras publicações da especialidade, provenientes de todas as origens.

Esses textos continuarão a ser referenciados em relação a título, autor, nome da publicação, número da publicação e data da publicação, páginas, número de gravuras e língua original e poderão ser fornecidos aos leitores de Prelo que neles estiverem interessados.

Bastará, para tanto, dirigir o pedido, com a indicação do número de referência de cada artigo, ao Centro de Documentação e Informação de Artes Gráficas da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Rua da Escola Politécnica, Lisboa-2.

Os textos continuarão a ser fornecidos sob a forma de fotocópia do original, do preço de custo dessa fotocópia, ou de tradução em português, mediante uma participação no encargo correspondente.

A medida que forem existindo traduções já feitas publicaremos uma lista com a sua referência e a indicação do respectivo custo de fornecimento de cópias.

A secção é organizada por assuntos, por forma a facilitar a sua consulta, e procuraremos alargar cada vez mais a gama desses assuntos, não só dentro das artes gráficas como em relação a outras actividades afins destas.

COMPOSIÇÃO

- P.30.042 — Fotocomposição de textos e de títulos — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — Pp. 5-11 — Em francês.
- P.30.043 — Sistemas de correcção dos textos no écran de visualização — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — Pp. 13-15 — Em francês.
- P.30.044 — Novas fototituleiras — *La France Graphique*, n.º 300, Nov. 1972 — Pp. 27-32 — 5 grav. — Em francês.

DIRECÇÃO-GESTÃO

- E.30.023 — Organização industrial — J. P. Maubert (engenheiro comercial da N. C. R.) — *Caractère*, n.º 11, Nov. 1972 — Em francês.

TÉCNICAS DIVERSAS

- P.20.018 — As camadas superficiais fotocondutoras — Loïc Cahierre — *Caractère*, n.º 8 e 9, Ago.-Set. 1972 — Pp. 71-74 — 1 grav. — Em francês.
- P.20.019 — Uma nova guilhotina de lâminas rotativas sincronizadas (em serviço nas papelerias de Guyerme) — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 211, Dez. 1972 — 1 grav. — Em francês.

MATÉRIAS-PRIMAS — PAPEL

- M.10.044 — As matérias-primas das artes gráficas e os esforços de pesquisas — Conferência de Hélène Bénédite — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 208, Set. 1972 — Pp. 3-16 — Em francês.

- M.10.045 — Produção de autocópias — Wiggins Teape — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 210, Nov. 1972 — Pp. 83-85 — 1 grav. — Em francês.
- M.10.046 — Os couchés para embalagem com suportes complexos — M. Bontaux — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 211, Dez. 1972 — Pp. 33-36 — Em francês.

TÉCNICA GERAL

- P.10.025 — O livro modelo — *Caractère*, n.º 7, Julho 1972 — Pp. 50-54 — 12 grav. — Em francês.
- P.10.026 — Os sistemas de condução automática e os seus efeitos de racionalização — Günter W. Maass — *La France Graphique*, n.º 300, Nov. 1972 — Pp. 14-25 — 7 grav. — Em francês.

IMPRESSÃO ROTOCALCOGRÁFICA

- P.83.001 — Sistemas de medidas de controle e de condução das bobinas — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — Pp. 23-26 — Em francês.

IMPRESSÃO HELIOGRÁFICA

- P.81.012 — Tratamento dos cilindros hélio — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — Pp. 53-54 — Em francês.
- P.81.013 — Acreditar na heliogravura — *Caractère*, n.º 11, Novembro 1972 — Pp. 42-43 — 8 grav. — Em francês.
- P.81.014 — Preparação dos cilindros hélio, gravação, revelação, repetição e correcção — *L'im-*

primerie Nouvelle, n.º 210, Nov. 1972 — Pp. 61-74 — Em francês.

- P.81.015 — Dispositivos de cobragem e cromagem dos cilindros hélio — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 210, Nov. 1972 — Pp. 78-81 — 4 grav. — Em francês.
- P.81.016 — Heliogravura — Evolução nos próximos anos e consequências comerciais — André Schuhler — *La France Graphique*, n.º 301, Dezembro 1972 — Pp. 11-15 (continua) — Em francês.
- P.81.017 — Retoque manual em cilindros gravados electronicamente — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 211, Dez. 1972 — Pp. 23-29 — 4 grav. — Em francês.

IMPRESSÃO «OFFSET»

- P.71.048 — Máquinas de impressão offset — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — Pp. 59-70 — Em francês.
- P.71.049 — Em torno das chapas de offset — Debate entre os membros da ROC (Clube das Rotativas Offset — Associação que agrupa a maioria das tipografias francesas), da fábrica de tintas Sicipa e vários fornecedores — *Caractère*, n.º 11, Nov. 1972 — Pp. 38-41 — 21 grav. — Em francês.
- P.71.050 — Máquina de copiar e repetir *Misomex* — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 211, Dezembro 1972 — P. 8 — Em francês.
- P.71.051 — O rendimento das rotativas de impressão — Marcel A. Dalbe — *La France Graphique*, n.º 301, Dez. 1972 — Pp. 19-21 — Em francês.

IMPRESSÃO SERIGRÁFICA

- P.73.002 — Impressão serigráfica com máquina cilíndrica e rotativas — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — P. 59 — Em francês.

IMPRESSÃO TIPOGRÁFICA

- P.61.037 — Equipamento acessório para impressão a quente — *La France Graphique*, n.º 301, Dezembro 1972 — P. 40 — 1 grav. — Em francês.

GERAL — INDÚSTRIA GRÁFICA NO ESTRANGEIRO

- A.60.099 — O futuro das indústrias francesas frente às novas técnicas — Yves Robert — *La France Graphique*, n.º 298, Set. 1972 — Pp. 14-34 — Em francês.

FOTOMECÂNICA

- P.40.080 — Laboratório de fotoreprodução — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — Pp. 15-20 — Em francês.
- P.40.081 — Seleção electrónica de cores — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — Pp. 29-30 — Em francês.
- P.40.082 — Sistemas de provas a cores — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — Pp. 30-34 — Em francês.
- P.40.083 — Chapas de *offset*, fotopolímeros e outras e seu tratamento — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 209, Out. 1972 — Pp. 34-50 — Em francês.
- P.40.084 — *Scanners* de cores Hell — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 211, Dezembro 1972 — Pp. 8-9 — Em francês.
- P.40.085 — O sistema de provas a cores da Kodak-Polytrans — *L'Imprimerie Nouvelle*, n.º 211, Dez. 1972 — Pp. 39-44 — 3 grav. — Em francês.

REUNIÕES E CONGRESSOS

- A.40.015 — XIX Congresso da União Internacional dos Editores — F. C. — *Caractère*, n.º 7, Julho 1972 — Pp. 46-49 — 7 grav. — Em francês.
- A.40.016 — «A escrita e a sociedade», tema do XIV Congresso da Associação Tipográfica Internacional — *La France Graphique*, n.º 300, Nov. 1972 — Pp. 7-12 — Em francês.
- A.40.017 — O 25.º Congresso da Associação Técnica da Indústria do Papel Loïc Cahierre — *La France Graphique*, n.º 301, Dez. 1972 — Pp. 22-30 — Em francês.

NOTICIÁRIO TÉCNICO



Dr. Eng.º Rudolf Hell

A Universidade Técnica de Munique agraciou o Doutor Engenheiro Rudolf Hell com a dignidade de doutor em Engenharia *honoris causa*.

O cientista e industrial hoje mundialmente conhecido começou já nos anos 20 a alargar extraordinariamente a técnica da informática, através da sua descoberta pioneira do que mais tarde foi chamado o transmissor Hell (*telex*), e determinou decisivamente desde então a técnica da informática e da reprodução através de novas evoluções, começando pelo «clichógrafo» e pelo «cromagrafe», bem como por aparelhos de fac-símile e telefoto para a imprensa e para a polícia, até às fotocompositoras ultra-rápidas — um desenvolvimento que no mundo da especialidade é considerado como um dos mais significativos marcos miliares depois da descoberta de Gutenberg.

A acção e a obra técnico-científica do Doutor Hell estão estreitamente ligadas à evolução da famosa e conhecida empresa de Kiel, que ele fundou, Dr. Ing. Rudolf Hell, G. m. b. H., da qual é presidente do conselho fiscal.

A investidura constitui a confirmação de um êxito que hoje já encontra ressonância mundial.

FOTOCOMPOSIÇÃO

600 fotocompositoras «Diatronic» instaladas. Segundo comunica a respectiva fábrica — H. Berthold A. G., de Berlim —, a 600.ª fotocompositora do modelo «Diatronic» foi entregue ao comprador em Janeiro de 1973. Eis o quadro de vendas que mostra a crescente expansão destas máquinas:

1968	—	7 unidades entregues.
1969	—	43 unidades entregues.
1970	—	100 unidades entregues.
1971	—	178 unidades entregues.
1972	—	271 unidades entregues.

A «Diatronic» pode ser utilizada para qualquer tipo de composição, desde livros e revistas até às tabelas, formulários, etc.

Mistura 8 famílias e 15 corpos (desde o corpo 6 ao corpo 20) e justifica e centra automaticamente.

O seu custo é semelhante ao de uma máquina de compor a quente.

O PEQUENO «OFFSET» NA ACTUALIDADE

A designação «pequeno *offset*» conduzia, no passado, a mal-entendidos frequentes, embora compreensíveis e, consequentemente, a decisões erradas quando vistas ao nível actual. As máquinas de pequeno *offset*, muito simplificadas nos primeiros tempos, eram consideradas duplicadores, e a indústria gráfica especializada não as levava a sério. Quem trabalhava com essas máquinas eram normalmente pessoas não oriundas do ramo gráfico e que tinham recebido apenas uma curta instrução no manejo das máquinas. Os impressos obtidos eram primitivos, normalmente textos dactilografados, por vezes com desenhos muito simples, que eram dactilografados e desenhados directamente na chapa de impressão.

Contudo, na luta pelo trabalho, as tipografias e litografias tiveram de enfrentar, cada vez mais, a concorrên-

cia das máquinas duplicadoras. Depois de bancos, repartições públicas e grandes empresas industriais e comerciais terem começado a comprar as chamadas «máquinas *offset* de escritório», foram em primeiro lugar as tipografias que começaram a sentir a nova concorrência, pois muitos trabalhos de formulários, circulares, etc., deixaram de lhes ser adjudicados.

Entretanto, porém, as máquinas, inicialmente tão primitivas, foram melhoradas na sua construção e no seu rendimento, a ponto de muitos desses modelos poderem hoje ser considerados como máquinas de pequeno *offset*, plenamente válidas. A qualidade das impressões obtidas nessas máquinas muitas vezes não se distingue já das produzidas nas máquinas de *offset* clássicas; em parte, até são superiores a muitos trabalhos feitos em velhas máquinas de grande *offset* e instalações fotográficas ultrapassadas.

Acresce que os consumidores dos trabalhos habitualmente feitos em pequeno *offset* foram aumentando cada vez mais as suas exigências quanto à qualidade de impressão. Um exemplo típico são os impressos publicitários, para distribuição manual ou postal, anunciando boas oportunidades de compra, etc. Como o consumidor identifica facilmente a publicidade mal impressa com produto de má qualidade ou até uma firma de baixo nível, a inferior qualidade de tais multicópias já não pode satisfazer. Daí o facto de o pequeno *offset* estar a transformar-se em trabalho de qualidade.

A rapidíssima evolução do pequeno *offset* nestes últimos anos levou quase todas as tipografias a pensarem na compra de uma máquina *offset* de pequeno ou médio formato, a fim de poderem participar nos trabalhos que podem ser feitos em melhores condições de rapidez e de preço do que na tipografia. Da mesma forma, as casas litográficas tradicionais pensam na instalação de máquinas de pequeno *offset*. A importância da função do pequeno *offset* no campo gráfico é documentada de forma sintomática, pelo facto de o sector do pequeno *offset*, com cerca de mil e duzentos membros, ser dos mais importantes dentro da Associação dos Industriais Gráficos da República Federal da Alemanha. Muitos dos seus membros pertencem a dois sectores, isto é, têm tipografia e pequeno *offset*, simultaneamente.

A demarcação dos campos do pequeno e do grande *offset* é mais difícil hoje do que o era ainda há poucos anos. Naquele tempo, a diferença entre duplicadores e máquinas impressoras industriais era dada com clareza pelas características dos produtos obtidos nas máquinas. Hoje, é habitual designar-se como «pequeno *offset*» as máquinas até ao formato DIN A2.

Para distinguir o pequeno *offset* do grande só há praticamente diferenças de formatos, mas não de qualidade.

(Artigo traduzido da revista *Offset Praxis*, n.º 1, 1973.)

MÁQUINAS DOBRADORAS DE GRANDE VELOCIDADE

Entre as várias máquinas de dobrar, de grande velocidade, duas das mais rápidas são da linha Timsons e estão a obter um mercado cada vez maior nos Estados Unidos da América e na Europa. Estas máquinas — a *R2 D2* e a *L2 D4* — foram adoptadas principalmente pelos editores americanos e algumas das mais reputadas e mundialmente conhecidas revistas de grande circulação.

A *R2 D2* assim designada por possuir dois rolos dobradores e duas saídas, está preparada para fornecer folhas dobradas em cadernos de dezasseis, vinte e quatro ou trinta e duas páginas, partindo de bobinas simples de 965 mm de largura, ou trinta e duas, quarenta e oito e sessenta e quatro páginas, de duas bobinas de 965 mm de largura. O rolo é cortado quatro vezes e, porque utiliza um cilindro coleccionador de três quartos da circunferência do cilindro impressor, as quatro folhas saem sobrepostas umas às outras. Os cadernos são abertos em três lados para eliminar a espessura do fecho, que por vezes se forma na dobra quando se trata de cadernos fechados à cabeça. A medida dos cadernos é de 301 mm x 241 mm ou 300 mm x 241 mm. Embora de momento se construam dobradoras para duas circunferências — 1161 mm e 1190 mm — podem fabricar-se para qualquer outro formato de livro ou de revista.

A velocidade máxima da máquina é de 365,74 m por minuto. Em termos reais isto significa, por exemplo, que pode produzir cadernos de dezasseis páginas em número de 36 000 partindo de uma única bobina ou igual quantidade de trinta e duas páginas partindo de bobina dupla.

A *R2 D2* é, sem dúvida, a dobradora mais rápida para cadernos de quatro páginas.

Como resultado do sucesso desta máquina, foi preparada uma outra que permite a possibilidade de dobrar qualquer tipo de caderno. Há dois anos foi instalada em Chicago a primeira *L2 D4*. Esta máquina, que permite duas dobras em comprimento e possui quatro saídas, foi construída numa única medida, produzindo cadernos de 300 mm x 241 mm, mas pode ser fornecida para outras dimensões, e para quatro, oito, doze ou dezasseis páginas a uma velocidade máxima de 365,74 m por minuto.

A média de produção é de 144 000 cadernos de quatro páginas das quatro diferentes saídas, ou 72 000 cadernos de oito páginas das duas saídas, partindo de bobina simples de 965 mm. Partindo de bobina dupla, a máquina tanto produz 72 000 cadernos como dois quartos diferentes ou dois duodécimos, ou 72 000 cadernos de dezasseis páginas como dois dezasseis diferentes ou 144 000 com quatro diferentes oitavos. Aqui os cadernos também saem abertos dos três lados.

As máquinas sofrem constantes melhoramentos, especialmente em ordem às condições de trabalho. Os últimos modelos apresentaram menor ruído, o que obteve um certo êxito, embora se continue a reduzir o nível do ruído ainda mais. Pensa-se, também, que a velocidade pode ser grandemente aumentada, até 609,56 m por minuto, sem perda da eficiência.

Uma das mais notáveis facetas destas máquinas é a sua resistência. A última das experiências consiste em submetê-las a uma sessão ou mais de vinte e quatro horas de trabalho seguidas, à mais alta velocidade; algumas até durante uma semana, antes de serem entregues ao cliente. Já existem máquinas destas a trabalhar nos Estados Unidos da América sem que tivesse constatado qualquer problema ou sinal de fadiga.

O emprego destas dobradoras para outros trabalhos além de revistas só está agora a ser explorado. Uma *L2 D4* está a ser usada na produção de um suplemento publicitário a intercalar num jornal de grande circulação nos Estados Unidos da América. Mas a sua velocidade torná-las-á adaptáveis a quaisquer tipos de folhetos publicitários e de brochuras.

(Adaptado de *Timsons Today*, n.º 2, de Janeiro de 1973.)

A PRODUÇÃO DE PAPEL EM FRANÇA NO DECURSO DE 1972

Nos oito primeiros meses do ano corrente o aumento de produção francesa neste sector da actividade industrial seria ligeiramente inferior a 8 por cento. No fim de Agosto, os cadernos de encargos atingiram aproximadamente 800 000 t. No sector da embalagem o aumento é ligeiramente superior a 10 por cento. O tipo de cartas mais fornecido é o ondulado, com um aumento de produção de 14 por cento. Mesmo para o papel *Kraft* (sacos de grande capacidade) a actividade tende a melhorar. Para uso gráfico — excluindo o papel de jornal —, o consumo marca um acréscimo de 10 por cento. O aumento é de 5 por cento para os cartões e de 20 por cento para os papéis domésticos e sanitários.

Em igual período as importações de papel e de cartão acrescem 18 por cento.

A exportação, por sua vez, aumentou de 15 por cento. A produção francesa de papel e cartão será estimada, para 1972, em 4 560 000 t-4 600 000 t; aumentando de 6,5 por cento em relação a 1971. A rentabilidade melhorou nitidamente em comparação com 1971, apesar do acréscimo do custo dos encargos salariais. Está previsto o aumento do preço de custo da pasta a partir de 1 de Janeiro de 1973.



Nos passados dias 13 de Janeiro e 7 de Fevereiro os alunos do estágio de preparação técnica dos bibliotecários, arquivistas e documentalistas, acompanhados pela orientadora do estágio Dr.ª D. Maria Helena Porto Costa, visitaram as instalações da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, na Rua da Escola Politécnica. O seu interesse solicitou um completo esclarecimento das fases de execução dos vários tipos de produção da empresa.



**SOCIEDADE COMERCIAL DE PAPELARIAS RABELO DA
BEIRA DOURO, Lda**

ARTIGOS DE PAPELARIA E ESCRITÓRIO,
ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E «OFFSET»

SEDE:

RUA DE COMES FREIRE, 195-A, r/c LISBOA-1
TELEFS.: 5 92 67-56 17 54 (EXT.)

DEPARTAMENTO COMERCIAL:

RUA DE JOÃO ORTIGÃO RAMOS, 17-A e 17-B LISBOA-4
TELEF.: 70 50 98 (EXT.)

ARMAZÉNS:

RUA DE JOÃO ORTIGÃO RAMOS, 15-A e 15-B LISBOA-4
TELEFS.: 70 49 75 e 70 50 98 (EXT.)

RUA DA REPÚBLICA PERUANA, 9-A e 11-A LISBOA-4
TELEF.: 70 49 75 (EXT.)

RUA DE ERNESTO DA SILVA, 52-A LISBOA-4
TELEF.: 70 49 75 (EXT.)

DEPARTAMENTO INDUSTRIAL:

RUA DE JOÃO ORTIGÃO RAMOS, 17-A e 17-B LISBOA-4
TELEF.: 70 50 97 (EXT.)

OFICINAS:

RUA DE JOÃO ORTIGÃO RAMOS, 17-A e 17-B LISBOA-4
TELEF.: 70 50 97 (EXT.)

DEPARTAMENTO DE FINANÇAS E PESSOAL:

RUA DE JOÃO ORTIGÃO RAMOS, 17-A e 17-B LISBOA-4
TELEF.: 70 49 76 (EXT.)

FOTOGRAVURA



gráfica, Lda.

- DESENHO
- FOTOGRAFIA
- REPRODUÇÕES
- EM PROVAS TRAMADAS
- COMPOSIÇÃO FOTOGRAFICA
- FOTOGRAVURA, ZINCOGRAVURA
- E GRAVURA DE TODOS OS
- GENÉRIOS
- FOTOLITO E TRANSPORTES
- FOTOLITO E TRANSPORTES GRA-
- VADOS PARA OFFSET SECO
- OFFSET

na Avenida Luís, 87 • tel. 67 95 12 • LISBOA



FOTOMECÂNICA, Lda

FOTOGRAVURA • ZINCOGRAVURA • DESENHO

FOTOGRAFIA INDUSTRIAL

LARGO DO CONDE SARRÃO, 50A-2ª • TELEF. 68 18 61 • LISBOA-2

EXPOSIÇÕES & CONGRESSOS

CONGRESSOS DE MEDALHÍSTICA

Organizado pela Associação Finlandesa de Medalhística, efectua-se, de 23 a 26 de Outubro próximo o XV Congresso da Federação Internacional da Medalha (F. I. D. E. M.). Nesta reunião poderão participar, além dos membros da referida Federação, os amadores e profissionais de medalhística.

Durante o congresso realizar-se-á uma exposição. Será ainda cunhada uma medalha comemorativa do acontecimento, FIDEM-73, da autoria do escultor Kari Juva.

As informações deverão ser solicitadas à Association des Amis de la Médaille, Kansallismuseo, Rahakamio, Mannerheimintie, 34, 00 100 Helsinki 10, Finlândia.

De 23 a 26 de Outubro, em Helsinquia, reúne-se o XV Congresso Internacional de Medalhística, no qual participarão, além dos membros da Federação Internacional de Medalhística (F. I. D. E. M.), amadores e profissionais da medalha.

CONGRESSO DE EDITORES E LIVREIROS

De 14 a 15 de Abril efectuar-se-á o primeiro Congresso Nacional dos Editores e Livreros. É uma das realizações que maior interesse está já a despertar no meio editorial português e que por certo muito vai trazer de movimento e talvez até de sensacionalismo ao sector, que tem pecado pelo dinamismo e iniciativas pessoais isoladas, sem contar com a congregação de esforços e o mútuo entendimento que, simultaneamente, eleve e estimule as próprias actividades. Oxalá algo de novo possa surgir na panorâmica dos editores e livreiros nacionais.

CONGRESSOS E REUNIÕES EM 1973

- De 26 de Fevereiro a 2 de Março: REPRO 73 — Eals-Court — Londres (G. B.).
- De 5 a 7 de Março: 58.º Congresso Anual da TAPPI e 12.ª Exposição Anual da Indústria de Pasta e de Papel, no Conrad Hilton Hotel — Chicago (U. S. A.).
- De 25 a 30 de Março: 1.ª Reunião sobre Aspectos Práticos da Prensaagem e Secagem na Fabricação do Papel, em Sheraton — Baltimore Hotel, Atlanta — Ga. (U. S. A.).
- De 26 a 30 de Março: Congresso Anual da APPITA à Rotorua (Nova Zelândia).

- De 2 a 5 de Abril: 2.º Simpósio Internacional sobre o Contrôlo de Fábricas de Pastas e de Papel pela Secção Técnica da CPPA, em Montreal — Quebeque (Canadá).
- De 11 a 18 de Abril: MESUCORA 73, Palais du C. N. I. T. — La Défense (França).
- De 12 a 13 de Abril: Congresso Anual das Associações dos Engenheiros Finlandeses — Helsinquia (Finlândia).
- De 29 de Abril a 3 de Maio: Conferência TAPPI sobre Revestimento, Deauville Hotel, Miami Beach — Fla (U. S. A.).
- De 7 a 12 de Maio: Conferência EUCEPA sobre o tema «Indústria papelera e o ambiente circundante». Roma (Itália).
- De 14 a 16 de Maio: Conferência TAPPI sobre «Habitat», Jack Tar Hotel, S. Francisco — Califórnia (U. S. A.).
- De 23 a 25 de Maio: IDEA 73 — Conferência e Exposição sobre Os Não Tecidos, Schweiser Mustermesse — Bâle (Suíça).
- De 3 a 7 de Junho: Conferência sobre o Branqueamento das Pastas,

- TAPPI e Secção Técnica da CPPA, no Hotel Vancôver, Vancôver — Colónia Britânica (Canadá).
- De 18 a 21 de Junho: Conferência Internacional sobre Pasta Mecânica pela S. P. C. I. e EUCEPA — Estocolmo (Suécia).
- De 25 a 29 de Junho: Congresso Zell Cheming — Baden-Baden (R. F. A.).
- De 4 a 6 de Julho: Simpósio sobre a Química da Madeira pela Secção Técnica CPPA e do Instituto Químico do Canadá — Castelo de Frontenac, Québec City — Quebeque (Canadá).
- De 16 a 21 de Setembro: 5.ª Reunião de BPBMA sobre a Utilização dos Materiais em Folha, em Cambridge (Grã-Bretanha).
- De 2 a 6 de Outubro: STAP 2 — Salão Profissional Nacional dos Técnicos Antipoluição e IP 2 — 2.º Encontro Internacional das Indústrias Papelarias ALPEXPO — Grenoble (França).
- De 8 a 14 de Outubro: Exposição e Congresso Internacional sobre a Técnica de Protecção ao «Habitat» — Dusseldórfia (R. F. A.).

AINDA O ANO INTERNACIONAL DO LIVRO



Imp. Exp. Arte e Livro Internacional na biblioteca do Palácio da Ajuda

Na Biblioteca da Ajuda esteve patente uma exposição sobre o «Livro e a Arte», que foi visitada pelo pessoal e aprendizes de encadernação da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Integrada nas comemorações do Ano Internacional do Livro, a Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, do Ministério da Educação Nacional, promoveu na Biblioteca da Ajuda uma magnífica exposição que teve por tema o «Livro e a Arte», visando demonstrar

o sentido artístico imprimido às edições nos últimos séculos.

Assistiram à cerimónia de abertura, que se realizou na tarde de 27 de Dezembro último, além de outras individualidades: a Sr.ª Dr.ª Maria da Conceição Pires Coelho, em represen-

tação do director-geral dos Assuntos Culturais; a Sr.ª Dr.ª Mariana Machado dos Santos, directora da Biblioteca da Ajuda; o Sr. Dr. Mário Costa, director da Biblioteca Nacional do Ministério das Obras Públicas; a Sr.ª Dr.ª Maria Teresa Barbosa Acabado, conservadora da Torre do Tombo, e o Sr. Dr. Vales Loureiro, Deputado da Nação.

Dos cem mil exemplares que fazem parte daquela Biblioteca foram escolhidas, para figurar na mostra, algumas centenas das mais valiosas edições, de várias épocas e línguas, oferecidas aos monarcas de Portugal, especialmente a partir do século XVIII.

A exposição, que esteve patente ao público até ao dia 13 de Janeiro corrente, foi visitada, nos dias 10 e 11, pelos profissionais de encadernação em serviço na Imprensa Nacional-Casa da Moeda e ainda por todos os seus aprendizes.

Os visitantes, guiados e atentamente esclarecidos, em todos os pormenores, pela ilustre directora da Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda, Sr.ª Dr.ª Mariana Machado dos Santos, a quem a administração da Imprensa Nacional-Casa da Moeda agradece as suas inextinguíveis atenções, tiveram oportunidade de admirar, nas duas secções em que se dividiu a exposição (iluminuras e encadernações), preciosos iluminados dos séculos XI a XIX e valiosas encadernações dos séculos XIII a XX, com relevo para a bellissima colecção do século XVIII, além de vários exemplares de portafólios com atacadores e ainda encadernações de tipo moçárabe.

A Sr.ª Dr.ª Mariana Machado dos Santos chamou especialmente a atenção dos profissionais da Imprensa Nacional-Casa da Moeda para a secção de dourados em veludo, que representa um trabalho de grande valor, pela dificuldade de execução, e na qual se salienta também a colecção de incrustações de prata em veludo.

No certame figuravam ainda, e foram igualmente muito apreciados, máquinas e utensílios usados na Oficina da Real Biblioteca da Ajuda.

CURSO DE CULTURA GRÁFICA

O Instituto de Arte e Decoração — IADE — é no nosso país o representante da International Society for Education Through Art. Funciona no Palácio Quintela, à Rua do Alecrim, 70, em Lisboa, sob a direcção do Dr. António Quadros e com um corpo docente de que fazem parte alguns dos mais cotados nomes do nosso meio cultural e artístico.

São já algumas centenas os alunos que frequentaram e frequentam os cursos de: Decoração de Interiores *Interior Design* da Escola Internacional de Decoradores; Fotografia; Cerâmica; História da Arte Básica; Introdução à Pintura e à Imagem; Centro de Estudos Estéticos; *Design Industrial* e Cultura Gráfica.

Este último teve início no dia 10 de Janeiro de 1973, tendo como professor o Dr. António Guilhermino Pires, com diploma do Magistério Internacional de Artes Gráficas de Itália e que é licenciado em Ciências e Artes Gráficas pelo Instituto Politécnico de Turim, exercendo actualmente as funções de chefe dos Serviços Gráficos da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, onde faz também parte da redacção do *Prelo*.

Sendo as artes gráficas um dos campos profissionais de maior procura no campo artístico e sendo ao mesmo tempo um dos capítulos para que há, em geral, entre nós, menor preparação cultural, estética e técnica, este curso preencherá, por conseguinte, uma lacuna importante na vida portuguesa. Consciente da missão pedagógica que vem desempenhando, o IADE enriquece agora a gama do seu ensino plurifacetado, embora sempre dentro do campo estético, com um curso que está estruturado como uma iniciação muito completa à problemática e à prática das artes gráficas.

Constituindo uma novidade na pedagogia artística portuguesa, o curso de *Cultura Gráfica* não só abrirá novas possibilidades de aprendizagem e de trabalho aos diplomados e alunos do

IADE, como contribuirá para a preparação cultural dos profissionais de artes gráficas, edições, publicidade, etc., ou de todos os candidatos às profissões correlativas.

Haverá aulas teóricas e práticas todas as quartas-feiras e sextas-feiras, pelas 19 horas.

Do programa do curso salientam-se os temas: «Leitura da linguagem visual»; «Expressão gráfica»; «Percepção visual e arte»; «Grafia e simbolismo»; «Conceitos de forma e de forma»; «Fenómeno fisiológico e fenómeno psicológico»; «*Gestalt* e gestaltismo gráfico»; «Comunicabilidade do grafismo»; «Noções de tipologia»; «Técnicas de reprodução gráfica»; «Para-íconografia e componentes gráficos»; «Polimorfismo»; «Classificações e características dos impressos»; «Linguagem e linguística»; «Preparação e arranjo gráfico»; «Maquetas, esboços e arte-final»; «Formação ou tipização»; «Identificação, avaliação e escolha dos sistemas de tipização»; «As classificações estilísticas das letras-tipos»; «A tipografia contemporânea»; «O industrial *Design*»; «Confecção de impressos de apresentação, correspondência e publicidade»; «Impressos publicitários e publicidade gráfica»; «O cartaz — desde Toulouse Lautrec a Savignac»; «As inserções publicitárias nas empresas editoriais, na TV e no cinema»; «Letreiros, dísticos, marcas industriais e logotipos»; «Métodos de publicidade gráfica na embalagem e contentores»; «O desdobrável *dépliant* publicitário e catálogos (turísticos e técnicos)»; «Análise dos impressos comerciais e extracomerciais ou paralibrários»; «Análise dos formatos e a paginação»; «Simbolismo e vinhetas (uso, gozo e abuso)»; «A imprensa periódica e a publicidade: a ilustração e a paginação»; «Ímpeto e agressividade da publicidade mural. Papéis. Formatos. Tipos. Tintas»; «Simbolismo gráfico actual. Abstractismo. A letra-tipo como elemento decorativo e publicitário»; «A linguagem gráfica na TV e no cinema»; «Do Dadaísmo à arte *Pop* e ao novo realismo — também no grafismo».



José Gaspar Carreira, Lda.

Praça da Figueira, 10, 1.º • Tel. 86 71 56 (PPC) • Lisboa-2

- PAPÉIS DE IMPRESSÃO
- FÁBRICA DE SOBRESCRITOS
- ARTIGOS ESCOLARES E DE ESCRITÓRIO



FRIEDRICH W. SCHUBEIUS

RUA VITOR CORDON, 36, 2.ª, E. — LISBOA
TELEFONE 36 77 36 — TELEGRAMAS POLAR

Caracteres e filetes D. STEMPEL

Numeradores automáticos LEIBINGER

Espaços automáticos SCHNEIDER

Filetes de aço IMGRA

Apertos para formas LEMM e BACHER

e todos os utensílios
para as artes gráficas

**DISTRIBUIDOR OFICIAL
DO MATERIAL GRÁFICO
DA IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA**

LUIS MAYOR SANTOS, SUCRS., LDA.



JANEVES

■ Móveis metálicos para:
Escritórios, Vestiários,
Cantinas, Refeitórios, etc.

probus

■ Cantoneiras perfuradas

■ Papéis, Cartolinas e Cartões nacionais
e estrangeiros.

■ Transformados de papel.

Escritórios e artigos de papelaria

Rua dos Sapateiros, 72, 74 e 76, 1.ª
Telefs. PPA 32 59 34-32 27 78-36 21 00 — Lisboa-2

Salão de exposições

L. M. S. — Móveis Metálicos
Rua de D. Estefânia, 127-B
Telef. 402 25 — Lisboa-1

VariTyper... integralmente concebida para composição! 1010F

A 1010F é a máquina mais completa para a composição a frio de todos os trabalhos de texto e traço que surgem numa Empresa. Teclado levíssimo e simplicidade nos comandos. Opera simultaneamente com dois alfabetos entre os corpos de 6 a 13 pontos, em centenas de diferentes estilos e idiomas. A 1010F compõe com justificação automática, espacia verticalmente de 1/2 até 18 pontos em gradação de 1/2 ponto, tem retracesso automático do carro e aberturas nas respectivas extremidades para mapas de maior dimensão. Como cada carácter a compôr é posicionada frente a um martelo impressor plano que vai simultaneamente bater numa superfície plana, sem utilização de rolos, obtém-se um recorte de letra absolutamente correcto para uma óptima reprodução gráfica. Estas são algumas características que tornam único a VARI TYPER 1010 F.



FOTOCOMPOSITORA DE TÍTULOS

**Headliner
820**



MODERN OFFICE
Equipamentos de Escritório, S. A. R. L.

rua joaquin antónio de agular, 41 2.ª d. telef. 563718-563069-58084 teleg. office. lisboa-1
FILIAL, PORTO-R. dos bragas, 125 telef. 379 48

A Headliner 820 produz tipos até 84 pontos em papel ou filme de 35mm.
É completamente automática na justificação e revelação.

FÁBRICA DE PAPEL

INAPA
INDÚSTRIA NACIONAL DE PAPEL, S.A.R.L.

PAPÉIS COUCHÉS

Krona. Superprint
C. M. e Renovante . Mate
Granitados . Telados

PAPÉIS e CARTOLINAS ALTO BRILHO

Supercote v/branco v/Duplex
e Auto - Adesivo

CARTOLINAS CROMOS

Verso Duplex e Verso Cinza
Verso Branco «postal» . Fantasia

Grandes quantidades
em «stock» de qualidades
nacionais e estrangeiras
das melhores
procedências

REPRESENTANTE NO PORTO

ALMOR GONÇALVES

Rua da Cruz, 327, 1.º Tel. 4 65 74



**PEDRO
DIAS
lda.**

Av. de Columbano Bordalo Pinheiro, 74, 1.º E
Tel. 76 40 74 LISBOA



**OS MELHORES TÉCNICOS
E A TÉCNICA MAIS PERFEITA**

**A MAIS ALTA QUALIDADE
ALIADA AOS MELHORES PREÇOS**

RUA DA ROSA, 309 A 315
TELEFS.: 32 69 30 E 32 79 23/4
LISBOA - 2

Volume II
Número 1
Janeiro/Fevereiro 1973
Publicação bimestral

prelo

REVISTA NACIONAL DE ARTES GRÁFICAS

- I. Informação documental
- II. Noticiário técnico
- V. Exposições e congressos
3. Editorial
4. Na Livraria do Estado
5. Filgráfrica
6. Impresso em Hong-Kong
8. Reduzir preços aumentar lucros
9. Fotomecânica
11. Problemas e soluções na planificação da indústria gráfica
12. Encadernadores
14. Do passado—I
16. Imprensa Nacional Britânica
18. Do passado—II
21. Consultório técnico

PROPRIEDADE

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
(Empresa Pública)
(Decreto-Lei n.º 225/72)

DIRECÇÃO

Conselho de Administração da
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Director Executivo: Ramiro Farinha

EDIÇÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
(Empresa Pública)
Editor Delegado: Dr.ª Maria Paula de Borja Stubbs
de Lacerda

REDACÇÃO

Chefe: Eng. Fernando Moutinho

PAGINAÇÃO

Rui Ferreira

DIRECÇÃO ARTÍSTICA

Pictor Manuel Lapa

Administração e Distribuição:

I. N. C. M.
Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 5—Lisboa-1

Direcção, Redacção, Composição e Impressão:

I. N. C. M.
Rua da Escola Politécnica—Lisboa-2

PUBLICIDADE

INTERFIL—CPIT, LDA.
Rua de Heliodoro Salgado, 44, r/c.
Lisboa-1
Telefone 84 21 50

PREÇO (número avulso): 10\$00

ASSINATURA + 6 números: 50\$00

(não inclui portes de correio)

FILIGRÁFICA

SALÃO INTERNACIONAL DO LIVRO E ARTES GRÁFICAS

ABRIL

7 | 15 | 1973

As vastas possibilidades da indústria gráfica portuguesa, no seu esforço constante de modernização, abertas aos fornecedores de equipamentos e matérias-primas.

Uma nova perspectiva da exportação portuguesa: o papel, a imagem e a palavra escrita nos caminhos progressivos do nosso mercado externo.



NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

8/73

EDITORIAL

Com o presente número, **Prelo** entra no 2.º ano da sua publicação. O programa enunciado aquando do seu aparecimento mantém-se e pode sintetizar-se numa palavra apenas: SERVIR.

Servir as artes gráficas e o País.

Ao serviço das artes gráficas, porque continuará a dar a maior divulgação possível a assuntos e problemas dos domínios tecnológico, profissional e económico.

Ao serviço do País, porque situará a sua actividade, como até aqui, ao nível do interesse nacional.

Subordinada a tal orientação, **Prelo** continua a pôr as suas colunas à disposição de quantos labutam ou se interessam pelas artes gráficas. Para além da cultura gráfica geral e especializada, dos assuntos tecnológicos, da investigação, da informação e da história, esta publicação encontra-se aberta a todo o debate dominado por espírito construtivo e de interesse comum ao profissionalismo das artes gráficas.

Não será de mais repetir que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, ao editar **Prelo**, não substituirá, nesta ou noutra função similar, qualquer órgão da hierarquia corporativa. Mas colaborará sempre que de tal acto resulte algo de útil para a indústria gráfica do País.

Atenta ao interesse comum, **Prelo** tudo fará para que mais alto se eleve o prestígio das artes gráficas em Portugal.

NA LIVRARIA DO ESTADO

Da esquerda para a direita: Prof. Dr. Borges de Macedo, Dr. Rúben A. Leitão, Dr. Hígino B. de Meneses, Dr. José Freitas Ferraz, Dr. Raimundo Moita e Dr. António Mechado Faria.



LANÇAMENTO DA NOVA EDIÇÃO DA «HISTÓRIA DE PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII», DE LUÍS AUGUSTO REBELLO DA SILVA

Para apresentação da nova edição do livro *História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII*, da autoria de Luís Augusto Rebello da Silva, efectuou-se no passado dia 26 de Fevereiro, na Livraria do Estado, uma cerimónia que constituiu significativo acontecimento cultural.

Além de muitas outras personalidades ligadas à vida literária do País, estiveram presentes o Prof. Dr. Lopes de Almeida, presidente da Comissão Executiva das Comemorações do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas* e antigo Ministro da Educação Nacional; Prof. Dr. Hernâni Cidade; Dr. Clemente Rogeiro, presidente da direcção da Emissora Nacional; Dr. João de Freitas Branco, director do Teatro Nacional de S. Carlos; Dr. José António Sousa Barriga, secretário das Comissões Nacional e Executiva das Comemorações do IV Centenário de *Os Lusíadas*; escritores Luís Forjaz Trigueiros e Joaquim Paço d'Arcos; Doutor Lopo Cancela de Abreu, antigo Ministro da Saúde e Assistência; Dr. Raimundo Moita, vice-presidente da Junta de Investigações do Ultramar; Dr. Ivo Cruz, vice-presidente de secretaria da Juventude; Dr. Martin Graça, director das Bibliotecas Municipais; Dr. António Luís Gomes, administrador do Banco de Portugal; professores universitários, etc.

Assistiram ao acto, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, o administrador-geral, Dr. Hígino Borges de Meneses; os administradores Dr. Rúben Andresen Leitão e José Manuel Charters e Ramiro Farinha, e ainda os membros do conselho fiscal Drs. José da Cruz Filipe e Manuel Esquivel. Presentes também directores de serviços e altos funcionários.

O Dr. Rúben Andresen Leitão, ao abrir a sessão, começou por dizer que o plano editorial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda inclui a publicação de sete colecções do mais diverso teor, mas todas da maior importância. Referindo-se, depois, a Rebello da Silva, considerou-o «figura sensacional da História de Portugal no século XIX». Após ter recordado que o escritor havia sido redactor do *Diário do Governo*, professor de História Pátria e Universal do curso superior de Letras fundado por D. Pedro V em 1858, ano em que, por portaria régia, é assinado o contrato para a Imprensa Nacional dar à estampa a *História de Portugal* de Rebello da Silva. Referiu-se ainda à acção desenvolvida por Rebello da Silva na luta contra os iberistas da época, alguns muito empenhados no estabelecimento de uma federação peninsular. O Dr. Andresen Leitão acabou por afirmar que considera a *História de Portugal nos Sé-*

culos XVII e XVIII, um autêntico «desafio português».

Para se referir à actividade desenvolvida pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda — que prossegue a «sua campanha de dignificação do património português» — e salientar o alto valor da obra de Rebello da Silva usou depois da palavra o Prof. Dr. Jorge Borges de Macedo, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Figura proeminente de ensaísta e investigador, que, após sugestiva análise do que têm sido, ao longo dos anos, as comemorações centenárias e a evolução do significado que lhe tem sido imprimido, salientou a terminar: «[...] nesta nova orientação se inseriu corajosamente a Imprensa Nacional e empreende a comemoração do centenário de Rebello da Silva da melhor forma: pôr a principal obra do autor ao alcance do público. Possa o exemplo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda frutificar e prosseguir para outros.»

Na mesma cerimónia foi lançada a 2.ª edição da obra *Os Latinismos dos Lusíadas*, de Carlos Eugénio Belford Corrêa da Silva (Paço d'Arcos). Este notável estudo, há muito esgotado, representa mais uma contribuição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda às comemorações do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas*.



A INDÚSTRIA GRÁFICA COMO ACONTECIMENTO

Estruturado nas sólidas bases das iniciativas integradas no âmbito da Feira Internacional de Lisboa, o Salão Internacional FILGRÁFICA, que de quatro em quatro anos tem a sua realização na Junqueira, não pode deixar de considerar-se um excelente veículo colocado à disposição dos industriais gráficos para a promoção das suas actividades.

De 7 a 15 de Abril próximo, as matérias-primas, o papel, os fornecedores de equipamentos, as unidades gráficas e a actividade editorial vão ter a sua oportunidade no Salão. É, aliás, uma oportunidade magnífica de contactos comerciais que se poderão revestir das mais úteis e eficazes perspectivas.

A acrescer a este interesse genérico pelo sector, o certame deste ano revela-se, por outro lado, de características específicas, dada a favorável situação que apresenta a indústria nacional de papel e de execução de trabalhos gráficos nos campos da exportação. Na realidade, e na conjuntura económica internacional, Portugal surge com as mais francas possibilidades e potencialidades na exportação de papel e trabalhos gráficos, situação a que o Fundo de Fomento de Exportação está atento e para a qual dispõe de um elaborado plano de auxílio ao sector, no sentido de apoiar de um modo eficaz os industriais portugueses na conquista dos mercados externos. É, pois, dentro deste conjunto de circunstâncias que a FILGRÁFICA-2 vai surgir e na qual se antevê a existência de um desusado movimento comercial, acrescido com a presença de

missões de compradores estrangeiros, que aproveitarão a realização do Salão para o estabelecimento de contactos que não podem deixar de ser considerados do mais vivo interesse para os industriais do sector.

Como nota saliente do certame deste ano, e correspondendo ao interesse manifestado pela imprensa diária e não diária, existirá um pavilhão inteiramente dedicado às empresas jornalísticas, que aproveitam, assim, esta oportunidade para promoverem as suas actividades.

Por outro lado, e para além dos aspectos globais inerentes ao próprio Salão, está prevista uma série de manifestações tendentes a conferir ao certame um carácter de verdadeiro centro de indústria gráfica, local de reunião de todas as individualidades representativas do sector, e que na FILGRÁFICA-2 vão ter oportunidade de debater os mais diversos problemas relacionados com as suas actividades. Assume, neste campo, um especial relevo o I Congresso Nacional de Editores e Livreiros, a realizar nos dias 14 e 15, e que está a despertar a maior expectativa no meio editorial.

A indústria gráfica, de 7 a 15 de Abril próximo, vai ser, na realidade, um acontecimento. A FILGRÁFICA-2, para além de um ponto de encontro, poderá ser também um ponto de partida. Surgido na hora oportuna, o certame constitui uma manifestação a que, pela sua inegável importância, os industriais gráficos portugueses não poderão deixar de estar atentos.



A PROPÓSITO
DO
PRINTED BY...
E DO
MADE IN...

No intuito de trazer ao conhecimento dos seus leitores o que se passa no mundo das indústrias e das artes gráficas, «Prelo» transcreve o artigo a seguir, escrito para os Serviços de Informação do Governo de Hong-Kong. Apresentamos, portanto, um aspecto positivo da indústria gráfica em Hong-Kong e pode ser considerado como uma «credencial». Contudo, contém números e factos que evidenciam um interesse crescente dos impressores de Hong-Kong pelos mercados europeus. O «P. S.» mostra que um determinado industrial, longe de ser o maior, tomou recentemente algumas providências para expandir as suas vendas em Inglaterra.

IMPRESSO EM HONG-KONG

A rápida industrialização, no decurso da última década, colocou Hong-Kong na 18.ª posição entre as nações comerciais de todo o Mundo. No ano passado, a colónia, sozinha, atingiu mil milhões de libras de exportações! Os sectores gráfico e editorial representaram, naquele elevado número, uma quota-parte importante. Há cada vez maior número de pedidos para embalagens, rotulagem e publicidade, e a insaciável exigência interna e externa de leituras conduziu a uma expansão deste sector na economia de Hong-Kong.

Muitos editores estrangeiros abriram escritórios e filiais regionais na colónia, durante os últimos dez anos. Havia e há muitos motivos de interesse. Verificou-se que a impressão em Hong-Kong economizava 30 por cento do custo em relação a outras regiões, o que é ainda apoiado por uma excelente distribuição e facilidade de comunicação. Com muito menos restrições democráticas e linguísticas do que as que enfrentam os editores em centros concorrenciais, como no Japão, Hong-Kong passa por ser a capital asiática das artes gráficas. É significativo o facto de estar o Japão a tornar-se num dos mais promissores mercados de Hong-Kong!

Alguns impressores da colónia instalaram-se em zonas, como a de Kwun Tong, no lado sudeste dos novos territórios, satélites crescentes da indús-

tria de Hong-Kong. Outros estabeleceram-se no distrito de North Point, na própria ilha. Encontram-se divididos em três especialidades: *letter-press*, *lithografia-offset* e processos especializados, tais como flexografia, gravura e serigrafia.

Cerca de 75 por cento dos mil e cem industriais de Hong-Kong usam a *letter-press* ou *offset* a seco, produzindo principalmente cartazes, papel de embalagem e outros, enquanto as firmas mais importantes imprimem grande número de livros em inglês, chinês e línguas estrangeiras. Muitos usam o sistema *offset*. Conquanto sejam em número reduzido, o seu investimento de capital em máquinas, principalmente alemãs e japonesas, é maior do que o investimento dos que usam a impressão tipográfica. Alguns especializaram-se na impressão de livros, edições didácticas escolares, revistas, calendários e agendas; outros concentraram-se em papéis de embalagem e embalagens industriais ou cartotagens.

A qualidade dos impressos em *offset* é extremamente elevada, com uma classificação comparável à dos países evoluídos do Mundo que comandam as artes gráficas. São já usadas, com muita frequência, máquinas automáticas de selecção de cores e a qualidade do trabalho é geralmente considerada muito boa. Diversas firmas estão equipadas com máquinas de im-

pressão de duas e quatro cores e os industriais mais importantes introduziram, já em 1962, máquinas rotativas de impressão a oito e mais cores.

Há já algum tempo que a firma impressora mais importante é a Lee Fung. Em sete anos adquiriu uma excelente reputação pela alta qualidade dos seus trabalhos, a preços competitivos. Recentemente a sua fusão com outra companhia, igualmente importante, deu-lhe ainda maior capacidade e é, presentemente, a maior organização especializada, quase inteiramente, na produção de livros. Em princípio, muitos dos seus trabalhos destinam-se à Austrália, sendo os restantes exportados para Inglaterra. Mas as contínuas exigências de outros países originaram um aparecimento, cada vez mais vasto, de publicações Lee Fung-Asco na Europa e na América. No ano passado a companhia imprimiu mais de seiscentos títulos, 50 por cento dos quais foram para a Austrália.

Dai Nippon, uma empresa apoiada por japoneses, imprime a edição asiática do *Times* e *Asia Weekly*, bem como outras revistas regionais. Produz igualmente considerável número de obras destinadas a editores, como o Longmans', Thomas Nelson e Macmillan, e tem uma receita bruta anual de 1,4 milhões de libras.

Toppan, outra companhia financiada por japoneses, imprime as edições asiáticas do *Newsweek*, *Textile Asia* e quase 1 milhão de exemplares por mês das *Seleções do Reader's Digest*. Toppan tem também uma receita bruta de 1,4 milhões de libras e está instalada em edifício próprio, construído especialmente em Quarry Bay, a leste de North Point, na própria ilha de Hong-Kong. Possui 10 máquinas de imprimir, que vão desde uma *Heidelberg offset* a uma cor até às enormes rotativas *Nebiolo*, *Hantscho* e *Goss* multicores, que imprimem à velocidade de vinte e cinco mil exemplares por hora.

O *Reader's Digest* tem os seus escritórios regionais principais em Hong-Kong, a qual, segundo a descrição do director de *marketing*, John Bohane, «pode ser considerada como o local ideal, mesmo no coração da Ásia, com todas as facilidades de transporte». *Reader's Digest Asia, Ltd.*, produz não só revistas mensais em chinês e inglês, como também livros, desde os encadernados aos brochados, de bolso, equivalente a um quinto das suas operações totais.

Heinemann Educational Books, Ltd., é outra companhia com o seu escritório regional em Hong-Kong. Fundada há cerca de dez anos, subsidiária de Heinemann, tem presentemente em armazém cerca de duzentos e cinquenta títulos, um quinto dos quais impressos *in loco*. Uma outra editora muito famosa de livros escolares com escritórios em Hong-Kong é a Oxford University Press. Durante o ano passado McGraw-Hill Far Eastern Publishers fundou um escritório para fazer face à crescente procura de livros didác-

ticos nesta pequena mas densamente habitada colónia, de 4 milhões de almas.

Dos muitos editores estrangeiros que usam as facilidades da colónia, alguns cedem o seu trabalho às firmas especializadas em prestação de serviços. A mais bem sucedida é a Serasia, Ltd., a qual, nos seus cinco anos de existência, se encontrou ligada a mais de mil e quinhentos títulos de livros, para cima de 5 milhões de exemplares, destinados a uns trinta grandes e pequenos editores. Serasia escolhe a empresa mais adequada às necessidades peculiares de cada cliente. Entre os seus clientes figuram firmas do Japão, do Canadá, dos Estados Unidos da América, da Austrália e da Inglaterra. Desta última, a IPC abriu os seus próprios escritórios na cidade, o ano passado, para melhor vigiar os interesses dos seus subsidiários, em que se incluem Paul Hamlyn Group, The Lansdowne Presse e Jacaranda Press, da Austrália.

Bem significativo é o facto de que apenas em cinco anos o valor das exportações de impressos atingiu mais do dobro, passando de 2,8 milhões de libras em 1965 para 6,8 em 1971. Durante este período a Austrália substituiu a Inglaterra como o melhor cliente estrangeiro de Hong-Kong. Diz-se que os Australianos lêem mais livros do que qualquer outra nação; e mais de metade dos livros que se publicam na Austrália são impressos em Hong-Kong.

P. S. — Enquanto se compunha este artigo, soube-se que a firma inglesa Keyzar Farnworth Packaging, Ltd., com escritórios em Chiselhurst, no Kent e em Stockport, foi nomeada agente da Continental Printing Company, Ltd., de Hong-Kong. Esta nomeação, diz-se na Companhia, representa um melhoramento dos meios de comunicação e um dos seus directores disse à *British Printer* que prevê um considerável aumento das vendas da Continental para o mercado britânico, as quais já orçam pelas 50 000 libras por ano. Um aumento de seis vezes este valor não é, na opinião do Sr. Farnworth, um alvo impossível de atingir.

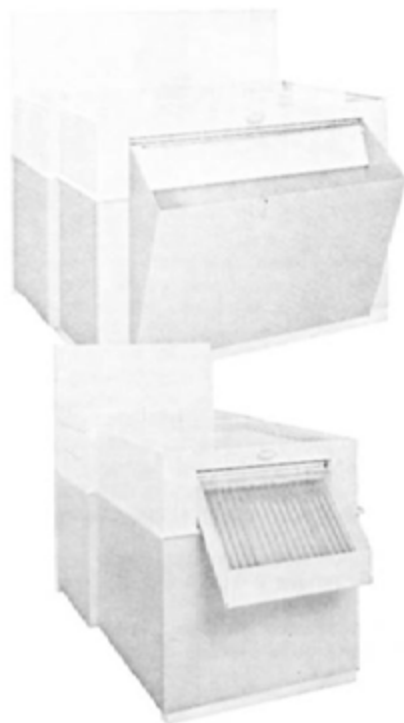
A Continental Printing é, principalmente, uma casa impressora de livros, em *offset*, com equipamentos especializados para a produção de livros de bolso. É altamente competitiva quer em preço, quer em qualidade, diz o Sr. Farnworth. Devido à grande distância a que se encontram, o género de trabalho mais facilmente adaptável é aquele que se pode planificar com antecedência; por isso as vantagens de uma futura agência em Inglaterra tornarão consideravelmente mais rápidas e simplificadas as comunicações. De qualquer forma, um telefonema de três minutos para Hong-Kong custa £ 2,90, mas, na opinião daquele director, muitos assuntos se podem resolver em três minutos ...

(*British Printer*, Julho de 1972.)

PAKOROL
SUPER-G

•
PAKONOLITH

•
PAKOROL
GT 12



MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA
REVELAÇÃO DE FILMES GRÁFICOS

OS NOSSOS ESPECIALISTAS
ESTÃO À SUA DISPOSIÇÃO PARA
RACIONALIZAR E AUMENTAR
A RENTABILIDADE DA SUA
EMPRESA.

A NOSSA EXPERIÊNCIA E A
NOSSA ASSISTÊNCIA TÉCNICA
GARANTEM OS MELHORES
RESULTADOS DA SUA
PAKOROL.

para mais amplas informações



AGFA-GEVAERT,
LDA.

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES

LINDA-A-VELHA

PORTO



REDUZIR PREÇOS = = AUMENTAR LUCROS

Pode suceder! É certo que requer um esforço, planificação e especialização. Mas consegue-se! Longe de nós condenar a especialização, até mesmo dos que se intitulam «impressores genéricos».

Tempos houve em que cada impressor anunciava à sua porta:

«Executamos todo o género de impressos desde cartões de visita a obra de livros.»

No entanto, isto não correspondia à verdade. Podia executar um cartão de visita, sim, desde que tivesse uma máquina *Minerva Platina*, mas o problema seria a execução de um livro, dispondo apenas de uma velha marginaadora manual, imprimindo oito ou dezasseis páginas de cada vez, dobrando-as e alçando-as à mão. Mesmo nos nossos dias ainda há certos impressores que vão além das suas possibilidades, alegando, por desculpa, que trabalhos de grande vulto não aparecem todos os dias.

Mas o tipógrafo que habitualmente produz livros, folhetos, panfletos, prospectos, etc., deve esquecer os seus antigos métodos ou, de contrário, terá como resultado prazos de entrega atrasados e a consequente quebra de lucros.

Talvez ele não tenha lido a publicidade de carácter técnico; talvez não tenha visitado exposições. No entanto, tem o dever de parar e tentar modificar os seus métodos de produção.

Deve ter consciência de todas as operações inerentes ao fabrico de um livro; deve ter em mente as vezes que cada folha de papel é manuseada, através das sucessivas operações de

impressão, dobragem, alçada, costura, encadernação, aparo, etc. Deve agrupar os custos do transporte do material da máquina para a guilhotina, para a dobradora, para as máquinas de alçar, de coser, de encapar. Deve avaliar o custo do espaço ocupado pelas pilhas de papel impresso, aguardando a operação seguinte. O resultado de tais cálculos levá-lo-á a perguntar se poderá investir em novos equipamentos ou se, pelo contrário, se poderá dar ao luxo de não investir e continuar como até aí.

Queremos, no entanto, ser um pouco mais concretos. Digamos que se trata de folhetos de dezasseis ou trinta e duas páginas impressas a uma ou duas cores, nos formatos A4 (210 mm x 297 mm) ou A5 (148 mm x 210 mm), levando dois pontos a arame.

Quantas operações estão implicadas neste trabalho em circunstâncias que chamaremos normais? O número de passagens pela máquina de impressão depende desta, mas como geralmente é de uma cor, haverá, portanto, um mínimo de duas operações. Geralmente, segue-se um corte na guilhotina para separar em duas a pilha de papel, depois a dobragem, podendo ainda haver alçamento, quer mecânico, quer manual; em seguida, a aplicação dos pontos a arame e, não havendo guilhotina trilateral, terão de se fazer três operações e, por fim, o aparo.

Que longo e dispendioso trabalho e que desnecessário!

Todos devem ter conhecimento de que existem máquinas que reduzem todas aquelas operações a uma só.

Relativamente à impressão, o papel em bobina entra na máquina por um lado e os folhetos prontos para em-

balagem saem pelo outro. Os pontos a arame foram eliminados e substituídos por uma fina película de cola ao correr da dobra. E a velocidade? Cerca de 20 000 folhetos prontos em cada hora!

Uma máquina rotativa com um só corpo pode imprimir dezasseis páginas a uma cor. Uma máquina de dois corpos pode oferecer a alternativa de dezasseis páginas a duas cores ou trinta e duas páginas a uma cor.

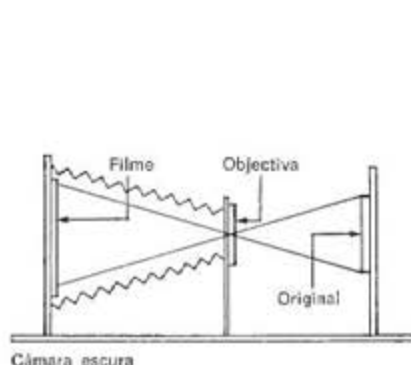
A impressão de livros é assim transformada num trabalho prático com cadernos sucessivos de trinta e duas páginas prontos para alçar. A mudança de chapas faz-se em dois ou três minutos e, é claro, o custo das finas chapas de *offset* é mínimo.

Podem adquirir-se máquinas rotativas de bobina com unidades alimentadoras intermutáveis e cilindros de diferentes circunferências. Usando um cilindro de 24" (610 mm) de largura por 18" (457 mm) de circunferência podem imprimir-se páginas no formato de 9" x 6" (229 mm x 152 mm). Mudando para cilindros de 15" (381 mm) de circunferência com 20" (508 mm) de largura, as páginas serão de 7,5" x 5" (178 mm x 127 mm).

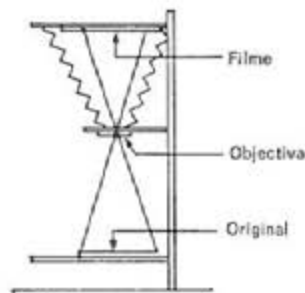
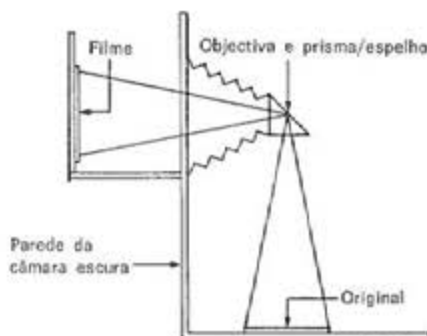
Um prévio acordo com o fabricante possibilita um grande número de variações.

Uma máquina pode não ser a última palavra em automatização, mas se o seu concorrente a instalar antes de si, ele fará com que os seus preços e prazos de entrega pareçam obsoletos.

Adaptação de *Printing Equipments and Materials*, VIII-1972.



Câmara escura



MÁQUINAS FOTOGRAFICAS PROBLEMA DE OPÇÃO

FOTOMECÂNICA

De uma certa forma, as máquinas fotográficas recordam a própria história da reprodução gráfica. Há vários anos que a natureza da confecção de «clichés» ou das formas ou chapas de impressão vem mudando e com elas o desenho das câmaras fotográficas.

As câmaras primitivas eram simples dispositivos de cópia, usando chapas, estáveis, de uma forma simples e colocadas de preferência sobre uma mesa. E, quando se construíram câmaras fotográficas mais evoluídas, utilizou-se o mesmo desenho. Foram construídas especialmente, mas mantiveram a forma horizontal, isto é, o caminho percorrido pela luz era uma trajectória direita, horizontal, que ia do original ao suporte fotográfico. Mais tarde essas câmaras foram montadas em mesas reversíveis a fim de poderem ser deslocadas até 90°, podendo ser utilizadas quer paralela, quer verticalmente ao porta-originais.

Naqueles dias, e, pelo menos, até à guerra de 1939, colocavam-se prismas de vidro nas lentes com a câmara virada, o que tornava possível executar fotografias normais ou invertidas, aumentando assim a sua versatilidade.

Sem dúvida que a origem de tal exigência foi o sistema de *letter-press* para cuja confecção das respectivas chapas era essencial a imagem invertida. No princípio da década de 30 foi apresentada na Inglaterra uma câmara vertical. O desenho era revolucionário, pois o porta-originais estava montado horizontalmente sob a lente, e sobre esta era colocado um prisma de cristal. Tal câmara apenas podia executar imagens invertidas, o que era ideal para a fotogravura e para a produção de negativos destinados aos processos *offset*. Além disso, uma máquina vertical cabia num espaço menor do que qualquer das horizontais até então conhecidas. Todas as máquinas, até essa altura, eram do tipo de estúdio ou galeria, com fole. Isto é, a máquina estava separada da câmara escura. Conquanto sugeridas (e talvez construídas) nos Estados Unidos da América em 1934, as máquinas de câmara escura (que englobavam uma câmara escura para serviço) só foram apresentadas na Inglaterra depois da guerra.

Embora as máquinas do pós-guerra sejam muito mais rigorosas, há uma grande semelhança entre elas e as anteriores à guerra. Ambas empregam princípios mais ou menos familiares,

sendo aquelas mais funcionais, menos avantajadas e de maior facilidade de manejo.

As máquinas de fotografia reflectem a evolução das técnicas de produção na generalidade da indústria e os projectistas foram muito influenciados pela tecnologia a que tinham acesso. A película substituiu a chapa e as películas reticulares de contacto substituíram as tramas de cristal; com o passar do tempo, a exactidão de registo foi-se tornando importante e assim se foram efectuando melhoramentos na construção.

A facilidade em dispositivos electrónicos e a evolução das fontes luminosas ofereceram aos projectistas a possibilidade de construir aparelhos rigorosamente controlados. O aperfeiçoamento na tecnologia das lentes tornou possíveis angulações maiores e lentes de distância focal mais curta, as quais, usadas em máquinas fotográficas, permitem uma maior ampliação.

Foi, especialmente, o desenho das câmaras horizontais o mais influenciado, onde se reduziram significativamente as distâncias dos carris.

Qualquer que seja o modelo ou a forma, todas as câmaras se destinam ao mesmo fim. A luz reflectida, absorvida ou transmitida por um original, expõe uma imagem de forma definida em meios tons através de uma rede, grelha, quadricula ou trama, que a transformará numa série de pontos. E todas as máquinas devem apresen-



tar alguma vantagem: velocidade, facilidade de manejo, produtividade, tamanho do original ou tamanho da imagem. O problema está em lembrar-se que uma câmara não se mantém só por si. A sua função é servir as técnicas de confecção de chapas ou formas-matrizes, e, portanto, deve ser adequada a esse fim.

Tipos de câmaras

Conforme já se disse, há agora, basicamente, três tipos de câmaras fotográficas: duas delas podem ser descritas como verticais, embora sejam diferentes. A primeira, mais simples, tem de facto a forma vertical. O porta-original sob as lentes e o porta-filmes horizontal, paralelo, sobre a lente, passando assim o feixe de luz directa e verticalmente. Invariavelmente tais máquinas trabalham e devem ser manejadas dentro de uma câmara escura. O aperfeiçoamento na iluminação e a produção de lentes de maior ângulo aumentaram o formato e a versatilidade das máquinas verticais, mas as condições físicas e operacionais limitam o filme à medida de 508 mm x 610 mm (20" x 24"). Mesmo assim, podem executar-se grandes ampliações (um aumento de quatro vezes ou uma redução igual, nas máquinas fotográficas tipo 24 da «Lithotex Vertical», por exemplo), tendo sido adaptadas escalas e aparelhos de *contrôle*. Alguns dos modelos à venda (o tipo 170 da «Copyspeed» e «Littlejohn», como exemplos) são equipados com cabeças prismáticas de forma a poderem fotografar-se imagens invertidas lateralmente. A câmara vertical ocupa um espaço relativamente pequeno, dentro da câmara escura, e é adequada para uma sala de impressão ou pequenas operações de *offset*.

A máquina fotográfica, que é universalmente conhecida nas artes gráficas como a vertical, é de diferente concepção. Nesta o original é colocado num porta-originals horizontal sob a lente e o feixe de luz é levado a 90° antes de cair sobre o filme mantido verticalmente. Devido à sua construção, e principalmente ao peso da máquina, a medida do filme é limitada a 508 mm x 610 mm (20" x 24"). Lentes de maior ângulo tornaram mais fáceis grandes ampliações e os fabricantes até fornecem mais de uma lente a fim de melhor se atingir esse objectivo.

Ainda pelo mesmo motivo (construção), as câmaras verticais devem trabalhar com um espelho sobre a lente a fim de produzirem imagens invertidas. Se se necessitar de uma imagem normal, terá de substituir-se o espelho simples por uma combinação deles, que é também fornecida pelo fabricante. (A câmara «Klimesch Auto-vertical RP» é fornecida com um porta-originals separado, movível, que pode ser utilizado para trabalhar apenas com lente, sem espelho.)

Óptica: objectivas e lentes

Em todos os aparelhos de fotografia há três elementos móveis: o original, a objectiva e a imagem. Dois deles

movem-se quando da focagem. No caso de câmaras verticais, em que a objectiva é fixa na sua posição, é necessário que o porta-originals e a película sejam móveis. A facilidade de execução deste princípio simplifica a focagem automática ou semiautomática, mas significa também que a posição do porta-filmes na câmara escura está constantemente a ser alterada.

A medida do filme usado numa câmara horizontal é limitada apenas pela medida da câmara e da própria película. Isto é, pode ser maior do que a maior câmara vertical e, de facto, máquinas horizontais que admitem filme de 762 mm x 762 mm (30" x 30") ou 1016 mm x 1016 mm (40" x 40") são bastante familiares na indústria fotolitográfica. Além disso, câmaras de alta produção carregadas com película em bobina (como exemplo existem as câmaras de filme «Litholex Roll», tipos 44 e 45) apresentam a forma horizontal.

Se compararmos directamente as câmaras horizontais e verticais da mesma medida de película, o grau de ampliação é maior nas horizontais. Como acima se disse, o que tornou possível tal facto foi a evolução do desenho das objectivas, e mais propriamente das lentes, ao mesmo tempo que reduziu a extensão do seu percurso.

Está em estudo um projecto para conseguir que uma câmara horizontal execute imagens invertidas da mesma forma que a vertical; podem ser aplicados à objectiva espelhos reversivos, mas, por causa da sua construção, as imagens fotográficas normais são feitas directamente através da objectiva, sem o auxílio de espelhos. Se houver necessidade de imagens invertidas, terá de se adaptar um conjunto de espelhos. Este uso de espelhos sobre a lente da objectiva é muitas vezes considerado como uma desvantagem das máquinas verticais, pela possibilidade que têm as lentes de desfocarem. Mas é claro que se trata de um problema da concepção, e que não é inevitável. De facto, um fabricante afirma que a diferença, em exposições feitas com ou sem o dispositivo de inversão, é apenas de 0,6 por cento.

Os argumentos pró e contra os diversos tipos de máquinas fotográficas têm sido objecto de vasta literatura [especialmente no número de Fevereiro de 1972 do *Printing Equipment and materials* (PEM)]. É claro que cada uma delas tenha algo a dizer. O ponto importante para um utilizador em potência é escolher a máquina fotográfica que mais convém ao seu género de trabalho.

Há alguns factores que não devem ser esquecidos e que vão além das necessidades individuais ou empresariais como, por exemplo: as câmaras simplesmente verticais são limitadas em tamanho e menos versáteis do que os outros tipos, devendo trabalhar numa câmara escura; é certo que ocupam menos espaço do que as horizontais e reduzem os movimentos de manejo, mas no que respeita a dimensões têm

um grau de ampliação menor e são, sensivelmente, mais caras. Mas o fim a que se destinam é o factor verdadeiramente importante, e é nesse sentido que as especificações técnicas devem ser consideradas.

Necessidades futuras

Actualmente há cada vez mais produções a cores que partem da câmara fotográfica e que são seleccionadas em aparelhos especialmente construídos para esse fim. Isto porque muitos dos originais são transparências coloridas. De facto, mesmo grande parte dos originais coloridos, anteriormente destinados às grandes câmaras fotográficas, é agora convertido em diapositivos antes da selecção de cores, a fim de tornar o trabalho sistematizado. Desta forma, a máquina fotográfica está sendo usada, cada vez mais, como um aparelho destinado à produção de negativos de originais a preto e branco para a confecção de positivos.

Portanto, o que é preciso é o equipamento exacto, seguro, facilmente manejável e de alta produção. Isto é o que os fabricantes fornecem em formas que são adequadas ao trabalho de reprodução gráfica. A escolha deve ser feita sem sentimentalismos nem tendência alvissareira, mas com uma ideia bem definida do que a máquina tem para fazer agora e o que fará no futuro.

As câmaras verticais foram provavelmente concebidas tendo em vista a fotogravura. Eram compactas e devido aos arranjos ópticos produziam uma imagem invertida, a qual era necessária ao processo tipográfico. De certo modo a impressão tipográfica quase cedeu o seu lugar ao *offset*, embora para os fabricantes não tenha havido baixa nas vendas das câmaras verticais. Por outro lado, muitos impressores de *offset* necessitam, por vezes, de negativos invertidos a fim de executarem positivos, por contacto, e acham a câmara vertical a mais adequada a esse fim. Mas, como é sabido, a tendência actual é voltada ao uso de matérias para trabalho negativo pré-sensibilizado em *offset*. Isto, combinado com outros melhoramentos nas técnicas e equipamentos fotográficos, poderá reduzir a necessidade de aparelhagem óptica reversível e aumentar as exigências de câmaras fotográficas relativamente simples.

F. G. Wallis, «Printing Equipment and materials», n.º 107, Fevereiro 1973.



PROBLEMAS E SOLUÇÕES NA PLANIFICAÇÃO DA INDÚSTRIA GRÁFICA

A firma Printproject dedica-se exclusivamente a projectar instalações industriais para artes gráficas. Tem a sua sede em Francoforte e é, a partir de agora, mais uma colaboradora de «Prelo», disposta a responder a questões pertinentes com a sua especialidade, quer através destas colunas, quer directamente aos que se lhe dirijam.

A firma Printproject em recente conferência de imprensa, realizada em Francoforte, expôs os seus objectivos, o estilo e os métodos de trabalho, dando a conhecer os projectos já levados a efeito. Na primeira parte da exposição, o Sr. V. Illert — gerente da Druckerei-Beratungs-und-Projektierungs-Gesellschaft — referiu-se aos constantes problemas que têm de enfrentar os empresários gráficos em relação à enorme concorrência entre eles existente. Independentemente das dimensões que a empresa possa ter, seja ela pequena, média ou grande, os dirigentes terão de encontrar soluções imediatas para os casos mais difíceis, que podem afectar: os seus sectores, como o *contrôle* e planeamento e as vendas; o ritmo de trabalho para melhor elevar o rendimento deste; a organização e cálculo de custos, e os encargos com a especialização dos empregados, tendo em vista a criação e estruturação de todo o conjunto que forma a empresa.

Todos sabem que o industrial tem imensas problemas a resolver no trabalho diário, faltando-lhe tempo para se dedicar à problemática empresarial, seu desenvolvimento e estruturação. A Printproject tem por finalidade ajudar a solucionar estes problemas, preparando o industrial a tomar, a todo o momento, decisões sem dependência de outrem. Por outras palavras: o impressor terá de solucionar os seus próprios problemas e dedicar-se às principais tarefas que assegurem a exigência da sua empresa.

A Printproject tem um vasto campo de acção, que vai desde a projecção de edifícios para artes gráficas até ao apoio de organização dos seus diversos sectores, tais como os da técnica, *marketing*, direcção e construção, pondo à sua disposição especialistas qualificados, bem como experiência e conhecimentos adicionais.

Desde a sua criação, a Printproject, em união com os seus sócios, tem trabalhado, até agora, em empresas de trabalhos comerciais, editoriais, de embalagens, de jornais e em outras de larga produção, desde a mais pequena, com doze empregados, até às maiores, com mil e seiscentos. Em todas tem elaborado directamente planos de desenvolvimento e andamento do trabalho, projectos de novas construções, modificações nas estruturas, conceitos de *marketing* para novos edifícios, assim como organização e planeamento das actividades de toda a empresa.

Depois das explicações dadas pelo Sr. V. Illert, o engenheiro M. Lange indicou como surge o projecto de um novo edifício, começando pelas análises dos encargos e do mercado, passando por uma apreciação interna da capacidade disponível, da superfície e dos meios de transporte existentes e terminando na técnica de armazenamento e expedição. O engenheiro Lange descreveu a maneira como se integram no conceito geral da empresa os valores resultantes de tais análises, que seguidamente conduzem ao estabelecimento do programa de objectivos para o futuro. Este programa de objectivos — acentuou — é o ponto de partida, por um lado, para uma planificação de vendas e de capacidade de produção e, por outro, para a planificação geral do novo edifício, tendo em conta: a urbanização do terreno, num crescimento flexível a longo prazo; a adopção das distintas técnicas gráficas; a disposição racional de todos os elementos da técnica da construção (climas, ventilação, electricidade, calefacção, etc.), e, especialmente, a física da construção específica para a impressão e outros elementos determinados e essenciais. A planificação geral, finalmente, conduz, através do caminho anteriormente descrito nas planificações pormenorizadas, ao anteprojecto arquitectónico da primeira fase de construção, contemplando todos os interesses da empresa na primeira fase e em todas as outras posteriores à construção.

Seguidamente, o Sr. R. Zöller informou, de forma objectiva e clara, acerca das possibilidades de estruturação pormenorizada, dado que a planificação sistemática, tal como fora exposta pelo engenheiro Lange, não constitui, naturalmente, o único campo de acção da Printproject. O Sr. Zöller indicou como é possível também, no sector da empresa, melhorar continuamente a coordenação das vendas com funções técnicas, mediante a aplicação das decisões a realizar, com a ajuda de uma preparação de trabalho dentro de um *contrôle* integrado na fabricação, tal como é corrente noutros ramos.

Esta exposição foi ilustrada com o exemplo de um diagrama minucioso sobre o andamento do trabalho, o qual representa: o sistema de informação numa empresa; a combinação das funções técnicas de *contrôle* do processo de fabricação; as funções adicionais de comando do mesmo *contrôle* de fabricação em relação às vendas e ao mercado, com objectivo de especificação, mediante linhas directrizes promotoras das vendas, e, ainda, os gru-

pos de produção necessários em cada momento respectivo, seus encargos e magnitude.

Segundo o Sr. Zöller, dirigir e manter debaixo de *contrôle* o sector de fabricação não basta, devendo ter-se em conta o *contrôle* integrado da empresa no seu conjunto, de tal modo que também as vendas sejam incluídas no processo de comando de toda a empresa como funções essenciais.

No final da conferência de imprensa, o arquitecto e engenheiro U. Heiken, sócio da Printproject, apresentou o projecto, em construção, de uma empresa para um jornal, na elaboração do qual se teve em vista um sistema de construção para a «impressão de jornais» que permita, a todo o tempo, o alargamento das suas instalações. Este jornal, com os seus sectores distintos de produção — isto é, composição e impressão, e ainda as secções de administração e de redacção —, pode crescer independentemente das outras secções diferentes e adaptar-se assim a todas as alterações do mercado. Este processo de adaptação é apoiado pelo emprego de elementos de construção pré-fabricados.

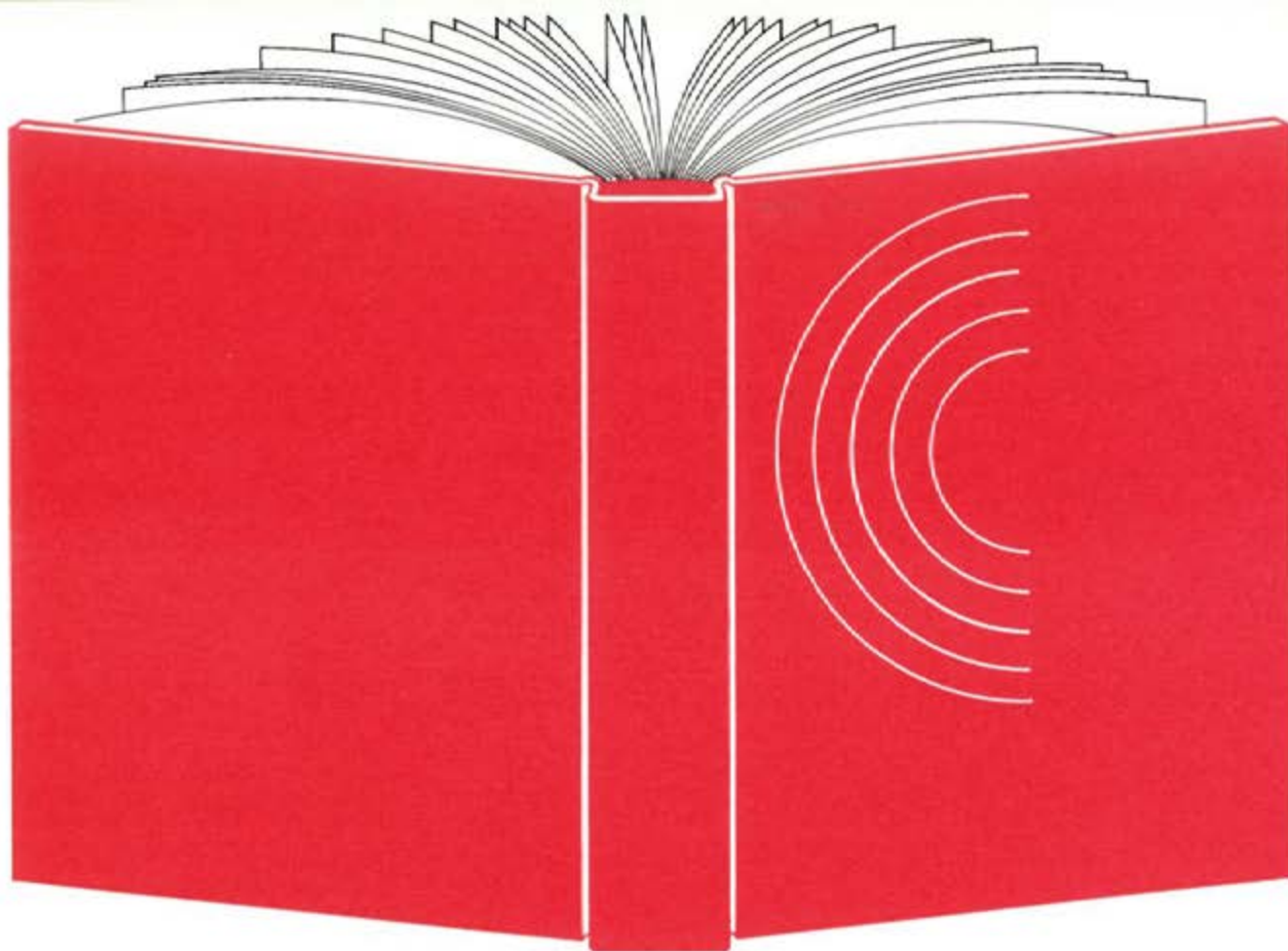
O engenheiro Heiken afirmou, por fim, que a construção de uma empresa já não é tarefa exclusiva de um arquitecto, nem pode sê-lo, porque a técnica da imprensa propriamente dita e a técnica de construção só estarão em condições de alcançar grandes êxitos quando um novo edifício necessário a uma imprensa for concebido como parte integrante de todo o processo de fabricação de material impresso. Só assim pode levar-se a cabo a construção de uma imprensa num espaço reduzido, mas alcançando a maior eficácia económica, incluindo, na sua concepção, as mais modernas e económicas técnicas de circuitos e de armazenamento.

Ao terminar a reunião, o Sr. V. Illert resumiu as exposições e declarações dos oradores, acentuando a necessidade de que também na imprensa sejam resolvidos os problemas integrados, mediante objectiva relação e coordenação de todas as funções ligadas.

Este é o trabalho a que se tem dedicado a Printproject, a fim de dar a sua contribuição sólida ao desenvolvimento da indústria de impressão na República Federal da Alemanha e no estrangeiro. A Printproject e os seus sócios trabalham ou têm trabalhado, desde a fundação da sociedade, em 1 de Julho de 1971, com doze impressoras do país e do estrangeiro, dispendo de cinco mil e duzentos empregados e colaboradores.

PRINT PROJECT

DRUCKEREIBERATUNGS-UND
PROJEKTIERUNGS-GMBH



ENCADERNADORES

Dos «Anais das Bibliotecas e Arquivos», vol. I, n.º 4, de Outubro de 1920, transcrevemos o artigo que se segue, da autoria do iminente filólogo e etnógrafo, Prof. Doutor José Leite de Vasconcelos, cuja leitura recomendamos especialmente aos encadernadores menos cuidadosos.

Uma das qualidades más dos Portugueses é a leviandade. No léxico popular existe uma expressão que traduz pitorescamente essa qualidade: a alguém leviano costuma chamar-se *cabeça de vento*. Outra qualidade má é a sofreguidão de ganho em uma empresa ou indústria: também o léxico possui para ela uma palavra mordaz, *ganhuça*, formada com o sufixo pejorativo *-uça*. Estas duas qualidades as encontramos bem exemplificadas nos encadernadores. Já se vê que falo dos encadernadores considerados em geral, e não de todos.

Quem manda encadernar um livro é porque este o merece, por qualquer circunstância especial, como importância do texto, raridade, estima que se lhe dá, comodidade de consulta, etc. Pois os senhores encadernadores não o entendem assim! No seu conceito, encadernar um livro é apenas adaptar-lhe uma capa, que no momento em que o livro volta para o dono apresente aspecto vistoso. Mais nada! Que importa que se transponha uma página? Que o corte da

cabeça fique rente às linhas? Que as margens se estreitem demasiado? Que qualquer nota marginal, impressa ou manuscrita, desapareça ante as implacáveis folhas da tesoura? Que uma tabela ou mapa dobrados e unidos ao livro fiquem em tiras? Que os dizeres das lombadas saiam errados, ou tortas as linhas? Tudo isso são insignificâncias! O caso é que o livro se *encaderna!*

Já em 1555 um encadernador aparou as letras de uma folha do códice das *Inquisitiones* de 1258, o que levou Herculano a valer-se de um códice mais moderno para reconstituir o texto que nos dá na sua edição, tomos I-III, p. 293.

A quem está habituado a lidar com livros não faltam ocasiões de verificar estragos destes causados pelos encadernadores. Aqui indico mais alguns, que observei na nossa Biblioteca Nacional:

As obras de Wolf e Leiffholdt, encadernadas em um volume miscelâneo, têm aparadas as dedicatórias autógrafas;

O livro de Réville, intitulado *Sévère*, tem deslocado o prólogo;

O vol. V das *Obras de Camões*, edição do visconde de Juromenha, tem notas manuscritas, que julgo da letra de A. J. Viale, as quais foram mutiladas;

O *Círculo Camoniano* tem na lombada «Vol. I», quando dentro estão dois volumes;

O tomo II dos *Textes et monuments de Mithras*, de Cumont, está sem rosto, que ficou metido no meio; além disso a lombada diz *Texte* em vez de *Textes*;

Os dois exemplares que a Biblioteca possui do *Itinerário da Terra Santa*, de Fr. Pantaleão de Aveiro, estão estragados.

Outros mais casos tenho observado naquela Biblioteca, porém não tomei nota, ainda que seria muito fácil ampliar a lista. Fora da Biblioteca Nacional abundam eles também: numa livraria vi à venda um exemplar da *Urbis Ulyssiponis descriptio*, de Damião de Góis, Évora, 1554, em cujas margens havia notas manuscritas, que um encadernador cortou, ao aparar as folhas.

Noutra livraria vi um exemplar da *Ulysséia*, de Gabriel Pereira de Castro, encadernado de tal modo por um dos encadernadores mais conhecidos de Lisboa, que este estragou o livro.

Noutra vi um exemplar das *Ordens manuelinas* de 1521, que tinha notas marginais que o encadernador aparou.

Noutra vi um exemplar da *Prosódia*, de Bento Pereira, em cuja lombada o encadernador pusera *Presodia*.

Os próprios *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, onde publico este singelo artigo, nos dizem neste mesmo volume, p. 11, que um encadernador não se pejou de cortar quase um centímetro na altura de um incunábulo português.

O Museu Etnológico possui uma cópia manuscrita do *Menospreço do mundo*, que comprei em Lisboa, a qual tem aparados alguns versos do pé da página.

Na minha biblioteca particular posso do mesmo modo descobrir vários erros de encadernadores: numa lombada lê-se *Pam pamrtid*, em vez de *Pam partid(o)* ('); noutra *Mullér* por *Müller*; noutra *Tradizione* por *Tradizioni*; noutra *Naoldea*, tudo junto; e com esses erros, entre outros, os dois seguintes: numa colecção de folhetos da Sr.^a D. Carolina Michaëlis, encadernados em um único volume, o encadernador aparou brutalmente as dedicatórias e mais algumas palavras manuscritas; num exemplar das *Sylvae*, de Aquiles Estaço, edição de Paris, 1549, encadernado com apuro exterior por um encadernador que passa pelo melhor de Lisboa, este cortou, não menos brutalmente, as notas marginais ou cotas.

Em erros de lombadas ou em deslocamento de folhas manifesta-se evidentemente *leviandade*, devida em parte a ignorância. Se os encadernadores tomassem a peito o seu ofi-

cio, e possuíssem alguma instrução, ou costumassem uma vez ou outra ler livros, teriam o cuidado de os folhear, antes de os sujeitarem à tesoura ou à guilhotina, e logo veriam se neles havia mapas ou notas que pudessem estragar-se. A propósito de instrução, acrescentarei que, além dos encadernadores, outras classes industriais congêneres estão entre nós bem falhas dela, o que prejudica muito as letras: são os livreiros (quer simples, quer ao mesmo tempo editores) e os tipógrafos. Mas disto não quero agora tratar.

Quanto aos cortes das folhas, o caso não é só de leviandade, é principalmente de ganância, porque se aproveitam umas míseras aparas que podem ser vendidas a fábricas de papel! O carácter ganancioso dos Portugueses vem de longe. No século XVI perdiam-se muitas naus na viagem da Índia, por falta de acondicionamento e arranjo. No comércio de todos os tempos se descobre desenfreamento de lucro: a língua do povo estigmatiza isso vivamente, dando o sentido de «velhaco» às palavras *traficante* e *tratante*, que na origem significavam apenas «comerciante». Algum dia, *comerciante* virá a seguir o mesmo caminho! A própria palavra latina *lucrum* transformou-se foneticamente em *logro*! Na verdade, os desforos dos encadernadores não se comparam aos dos empresários dos estabelecimentos de outrora, nem aos dos comerciantes, que na moderna denominação de *açambarcadores* e *novos-ricos* encontram outra curiosa estigmatização lexicológica: são mais modestos, mais recônditos, e de consequências menos graves; todavia, não só faz pena ver desvalorizado um livro por mutilações, principalmente um livro raro ou artístico, mas acontece que da incúria e desonestidade dos encadernadores resulta destruírem-se, às vezes sem remédio, indicações preciosas, que importam à bibliografia, à história da literatura e à história geral.

J. LEITE DE VASCONCELOS

Director do Museu Etnológico Português,
Professor da Faculdade de Letras de Lisboa.

(') A nasal de «Pam» comunicou-se à primeira sílaba seguinte!



acetalux

ACABAMENTO DE
PAPÉIS, LIMITADA

ao serviço
da indústria
gráfica

PLASTIFICAÇÃO
ENVERNIZAMENTO

TRAV. DE S. BERNARDINO, 21-23
TEL. 5 97 21/2 LISBOA-1

DO PASSADO-I

OS PALEÓTIPOS

De «A Arte Typographica», revista editada pela Associação da Classe dos Compositores e Impressores de Lisboa, ano I, n.º 7, de 15 de Julho de 1898:

Sob a denominação de paleótipos compreendem-se os livros impressos desde a invenção da tipografia até ao ano de 1500.

Os Franceses dão aos paleótipos o nome de *Incunabiles*, do latim *Incunabula*, que significa berço, princípio.

Os paleótipos, que formam a transição dos livros manuscritos para os impressos, são muito importantes, porque encerram documentos autênticos para o perfeito conhecimento da história da tipografia e oferecem um vasto campo de investigação a todos os cultores da arte de Gutemberg, desde o tipógrafo ao bibliógrafo.

Além disso, pelas suas ilustrações, desenhos, história das artes e pelas edições *princeps*, prestam relevantes serviços a todos quantos se dedicam ao estudo dos antigos clássicos.

Há várias classes de paleótipos. Citaremos entre as principais a xilografia — impressão em madeira —, processo que originou, sem dúvida, a ideia de multiplicar os livros pela forma mecânica dos tipos móveis.

As produções xilográficas mais antigas remontam a 1423.

Sobre madeira gravaram em relevo linhas e até páginas inteiras, as quais eram impressas pelo processo que ainda hoje empregam alguns fabricantes de cartas de jogar.

Foi este o primeiro passo para o aperfeiçoamento da arte por meio dos caracteres móveis.

Os livros mais antigos são impressos em caracteres góticos; mais tarde empregaram a letra redonda ou romana, que começou a entrar em voga, principalmente na Itália.

Encontram-se pela primeira vez palavras gregas gravadas em madeira no livro *De Officiis*, de Cícero (1465).

O primeiro volume inteiramente impresso em grego foi a gramática grega de Lascaris (1476).

Teríamos de ser demasiado prolixos para darmos aqui uma notícia exacta de todas as publicações paleotípicas. Não é este o nosso intuito. Pretendemos apenas dar um bosquejo rápido dos progressos que seguiu a nossa arte, não até ao estado maravilhoso em que hoje a contemplamos, mas no seu início.

Assim, o primeiro livro em que se viu assinatura, ou nome da oficina, foi o *J. Nideri Proceptorium divinæ legis* (1473).

O primeiro volume «paginado» foi o *Ter Hoernen* (1470).

O primeiro de formato in-4.º foi o *Cícero de Officiis* (1465). Na última

página desta obra havia a seguinte nota: «Esta muito célebre obra de Marcus Tullius, foi felizmente finalizada por mim, João Fust, cidadão de Mogúncia, ajudado por meu filho Pedro, não com tinta, nem com pena, nem mesmo em metal, mas com uma certa arte bastante engenhosa, em 1465».

Os livros com frontispícios só se encontram de 1485 em diante.

O primeiro livro acompanhado de gravuras em cobre é *Il Monte Santo di Dio*, de António de Siena, Florença (1477).

As gravuras em madeira e as miniaturas são muito mais antigas que a impressão em caracteres móveis; foram mesmo as gravuras que deram a ideia da xilografia, que por seu turno trouxe a tipografia.

Entre os paleótipos há muitos cuja edição inteira foi impressa em pergaminho, sendo muito mais raros os exemplares em papel. Entre estes conta-se a célebre *Bíblia Latina*, de Gutenberg, impressa em Mogúncia de 1450-1455.

Os paleótipos distinguem-se, é claro, pelas suas imperfeições. Os livros não tinham frontispício; não havia letras de caixa alta, ou maiúsculas, nem nos títulos, nem no começo do parágrafo; a espaçamento era irregularíssima; as vírgulas e os pontos e vírgulas brilhavam pela sua completa ausência; os tipos eram grosseiros, feios e desiguais; a paginação constituía contrabando de guerra; a assinatura, a que os Espanhóis chamam com muita razão *pié de imprenta*, também não existia; as folhas de papel eram de cor e espessura vária; as abreviaturas, em grande quantidade, dificultavam a leitura e, por vezes, a compreensão do texto; os pontos finais eram quadrados e os ii, em vez de ponto, tinham um traço à cabeça.

As principais características dos paleótipos eram as letras grandes, por serem mais fáceis de gravar.

Mas fiquemos por aqui.

Como é fácil criticar o que os outros fizeram!

Não, ingentes e preclaros artistas, homens ante quem nos curvamos reverentemente: é a vós que se devem todos estes progressos que aí se vêem; sois vós que tudo fizestes; os vossos nomes passaram à imortalidade, enquanto hoje os mais hábeis artistas — que os há em grande escala — são simples forças moleculares agregadas ao mesmo astro — a Arte.



SAGRADA ESCRITURA LAURBANENSE. — Um escriba.

ESCRIBAS E ILUMINADORES

Dos «Anais das Bibliotecas e Arquivos», vol. I, n.º 4, de Outubro de 1920, reproduzimos o seguinte artigo:

Venturosos homens, os escribas monásticos da Idade Média! Isolados, longe do mundo, sem preocupações, sem necessidade de pensar, viviam no seu sonho de opulência e de cor copiando evangelhos, horas, antifonários, santorais — e julgavam-se quase no esplendor da bem-aventurança quando pintavam a minio as oito palavras do fim: *Jem liber est scriptus; qui scripsit sít benedictus*. Abram o *Hagiológico*, ou procurem nas crónicas monacais: muitos dos santos, dos beatos, das infantas virgens, dos monges mortos em cheiro de santidade fizeram em Portugal a escrita e a pintura membranacea. A sua vida foi um êxtase perene. Ninguém como os escribas conheceu a paz de coração e de consciência, que é a verdadeira razão da felicidade. Tinham, para realizar uma obra de arte, a vida inteira: e entregavam-se a essa obra sem alvoroço, sem sofrimento, sem tortura, sem exaltação — em louvor da Virgem! —, calmos, metódicos, pacientes, automáti-



BÍBLIA PEQUENA DE VELINO. — Escriba franciscano, trabalhando sobre um atril de tripé.



TESTAMENTO VELHO DE LORVÃO. — Um escriba, no seu arquibanco.

cos. Não sabiam o que era a vaidade: se, como o mestre laurbanense Egas ou como o mestre Vasco, pintor-copista de Afonso V, punham o seu nome, e às vezes o seu retrato, nas obras que copiavam, era para que Deus os conhecesse melhor e se lembrasse deles no Céu.

Ainda há pouco tempo, voltando a folhear, no Arquivo da Torre do Tombo, os velhos cimélios do «Armário dos Tratados», eu estive vendo, mais uma vez, os auto-retratos de alguns desses escribas portugueses medievais, todos eles assentados à sua estante de arquibanco, rodeados de tijelas de cores, de folhas de ouro, de plumas, de estiletes, de brunidores, de pincéis, de espátulas, de regrões de chumbo, de todo o instrumental com que, durante cinco séculos, a paciência humana, irmã gémea do génio, criou as maravilhas que vão desde o *Livro das Aves* até ao *Livro de Horas de D. Manuel*, desde o *Apocalipse de Lorvão* até ao *Missal*, de Estêvão Gonçalves. Muitos deles são frades; e quase todos (porque os primitivos, os proto-mudéjares, como o monge de S. Mede, não pensaram em deixar a sua imagem nas bárbaras iluminuurs que coloriam) posteriores à vinda dos mes-

tres bolonheses e à criação da escola de iluminura de Afonso III. Em todas as *Bíblías* laurbanenses e alcobacenses lá está a figura plácida do escriba inscrita no *F* inicial de *Frater Ambrosius*, ou debaixo das sete rosáceas do Génesis, enriquecendo o *I* de *Incipit liber geneleos*. No *Testamento Velho de Lorvão*, em que as freiras carinhosas resguardaram as iluminuras com recortes de seda, precioso manuscrito do princípio do século XIV — um monge bento, enquadrado numa sumptuosa folha de ouro, o hábito cinzento da ordem vestido sobre uma túnica azul, a cogula encapuzada, escreve, assentado no arquibanco, diante de uma estante que mais parece um facistol enorme, e onde o fólio membranáceo sofre a mordedura fecunda do estilete. Na série das *Bíblías* de Alcobaça são inúmeros os copistas que nos aparecem, debruçados nas jambagens de ouro da capitular da epístola a Santo Ambrósio. Uns, pobres frades franciscanos, como o copista da *Bíblia* pequena de velino, escrevem sobre um tripé humilde; outros, bernardos graves, pintam sobre estantes cobertas de tijelas de cores; na *Bíblia*, 23-2, além do copista bento, surge, inscrita num *Q* inicial, a figura de um iluminador laico, vestido do seu salo vermelho, brandindo o estilete de regrar; na *Bíblia* 23-5, que abre por um *F* de ornamentação mudéjar, a ouro e azul, ao gosto do *Livro de Horas de D. Duarte*, é um abade bento que aparece, mitrado, revestido, assentado

diante do seu atril de mestre iluminador, copiando tão absorventemente os neumas de um hinário moçárabe, como se fosse o último escriba do seu convento. Todos eles apresentam o mesmo tocante aspecto de serenidade. A sua expressão é de êxtase, de absorção, de beatitude, de encantamento. Há já alguma coisa de celeste na calma que as suas figuras angélicas respiram. Sente-se que nenhum deles tem pressa de acabar, que todos eles sabem que a sua tarefa durará uma vida inteira. Os seus gestos são plácidos; a sua boca sorri. A ansiedade que nos devora a todos nós, artistas contemporâneos, não a conheceram eles, pobres pintores místicos que trabalhavam desinteressadamente para Deus. Parece sentir-se ainda, no pergaminho, a carícia voluptuosa das suas mãos. Parece respirar-se ainda, no ambiente, a paz suave da sua consciência.

Meus pobres camaradas de além-túmulo, escribas pacientes de livros que ninguém mais lerá, manejaadores humildes do ouro opulento e da cor litúrgica, artistas sublimes de pequenos nadas, capazes de amar uma letra com a ternura com que se beija uma mulher — como eu vos agradeço a doce serenidade que tantas vezes a minha alma encontrou nas folhas iluminadas dos vossos livros inúteis!

Júlio Dantas

Inspector das Bibliotecas
Eruditas e Arquivos

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LDA

SOC
tip

TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
OFFSET

alta qualidade
gráfica

RUA D. ESTEFÂNIA, 195 B / TEL. 432 80-514 23-53 13 55



HER MAJESTY'S STATIONARY OFFICE

IMPrensa NACIONAL BRITÂNICA (1)



CONDIÇÕES DE ADJUDICAÇÃO DE TRABALHOS GRÁFICOS À INDÚSTRIA PRIVADA

O Estado é um dos clientes mais importantes da indústria gráfica. A Imprensa Nacional Britânica é não só um dos maiores impressores do país, mas também o maior comprador de material impresso, entregando anualmente à indústria privada encomendas no valor superior a 15 milhões de libras.

Tempos houve em que os impressores particulares, de um modo geral, tinham certa relutância em trabalhar para a Imprensa Nacional, mas certo é que hoje, como há uns quarenta anos, há um grande número de boas casas impressoras ansiosas por executarem qualquer trabalho para a Imprensa Nacional, devido ao elevado nível de racionalização verificado nas artes gráficas inglesas, como também aos esforços da Imprensa Nacional para assegurar um pagamento razoável, motivo por que as ofertas abundam e se tornam verdadeiramente concorrentes.

O princípio básico usado pela Imprensa Nacional é o da aceitação da oferta mais baixa. Conquanto isto seja importante, a designação «aceitável» é considerada palavra chave.

A enorme variedade de impressos para o Governo, soltos e encadernados, inclui impressão tipográfica, litográfica, fotogravura, outros processos de reprodução e toda a classe de encadernações.

A qualidade de trabalho exigida varia desde a boa apresentação comercial até trabalhos de alta categoria. O serviço de entrega tem de ser bom e eficiente.

A Imprensa Nacional compra trabalhos, quer sob contratos periódicos,

quer sob contratos eventuais. De um modo geral, um contrato periódico exige a utilização de facilidades produtivas durante um determinado número de anos, enquanto um contrato eventual se aplica a um fornecimento apenas.

Em muitos casos o material é fornecido aos subempreiteiros, sem qualquer encargo. Aqueles, porém, pode ser pedido que mantenham grandes «stocks» para utilização à medida das necessidades. Noutros casos, o subempreiteiro fornece o material.

Contratos periódicos

Estes contratos são efectuados a longo prazo, geralmente por sete anos, ou por um período indeterminado. Os contratos prevêem o cancelamento em qualquer altura, por aviso escrito de qualquer das partes.

O contrato contém o preço relativamente a cada artigo (impresso, livros, etc.) ou refere uma escala de preços. O proponente indica se está preparado para aceitar o contrato aos preços indicados e demais condições de fornecimento.

A tabela de preços prevê «preços com tudo incluído» para todo ou parte do trabalho. As tabelas de preços são fornecidas pela Imprensa Nacional.

Outros contratos, geralmente para trabalhos como jornais, impressos simples, encadernações ou artigos especiais, de natureza repetitiva, permitem aos concorrentes apresentar os seus próprios preços.

A variedade de artigos impressos classificados como «obra de livro» inclui panfletos, livros de texto, relatórios e trabalhos de referência. A classe denominada «trabalhos oficiais» inclui formulários soltos ou em grupo, livros e blocos, etc.

Contratos eventuais

Estes contratos destinam-se a trabalhos não abrangidos pelos contratos periódicos. A variedade e o volume de

trabalho obtido por este método é considerável. Não só abrange trabalho igual ao adquirido sob contrato periódico, como ainda panfletos a cores, livrinhos, cartazes e «placards».

Amostras do trabalho desejado ao abrigo de um determinado contrato estão patentes em Norwich, em Londres, ou nas localidades indicadas na especificação.

Há cerca de 900 contratos em curso, com o valor total aproximado de 8 000 000 de libras, enquanto cerca de uns 13 500 contratos eventuais atingem o valor de 6 500 000 de libras.

São indicados os caracteres a utilizar e o impressor terá de informar se os possui ou não. São fornecidos por menores das concessões no fornecimento de papel pela Imprensa Nacional para provas, alinações e impressão. A forma de embalagem e de expedição é, também, indicada. Desde que seja estipulado no contrato, podem fazer-se ajustamentos quanto à variação de salários por acordo de ambas as partes.

A Imprensa Nacional tem perto de 2000 firmas na sua lista de oficinas que podem ser consultadas.

Quando um impressor ou encadernador pede para ser incluído na lista de fornecedores são-lhe enviados formulários, o primeiro dos quais indica a natureza dos trabalhos que interessam à Imprensa Nacional. Um outro impresso solicita informações do concorrente, seu equipamento, pessoal, etc.

Quando estes formulários se encontram satisfatoriamente preenchidos é fornecida à firma uma cópia das «Condições de Contrato para Fornecedores do Estado» e «Aviso aos Concorrentes e Condições Suplementares de Contrato». Ao mesmo tempo é convidada a assinar a sua concordância à última edição da «Cláusula de Salários Justos», elaborada de acordo com as condições superiormente estabelecidas. Nesta, o fornecedor garante que os salários e condições nas suas oficinas não são menos justos do que os que são atribuídos no seu distrito.

Outras condições incluem garantia, quer de quantidade, quer de entrega

(de acordo com o respectivo contrato), condições relativas a trabalho deficiente, seguro contra prejuízos e provisão efectiva de métodos de segurança. A fim de assegurar o sigilo, o fornecedor pode pedir à Imprensa Nacional cópias de cartazes, estabelecendo essas indicações, para afixação nas suas oficinas.

O fornecedor é, eventualmente, convidado a comparecer ou enviar representante, em qualquer departamento da Imprensa Nacional, a fim de receber instruções para proceder ao fornecimento nas condições devidas. O concorrente não pode debitar essa comparação.

A necessidade de a Imprensa Nacional se inteirar dos novos processos técnicos de impressão criou, em 1966, a Divisão dos Serviços Técnicos, que é uma unidade centralizadora que se mantém a par de toda a evolução da tecnologia das artes gráficas que possa interessar-lhe, no desenvolvimento e aplicação de novas técnicas, materiais e maquinaria. Esta Divisão mantém-se sempre bem informada acerca da evolução ocorrida na indústria gráfica.

Composição por ordenador

Análises de sistemas e programação para composição por ordenador constituem uma larga secção do trabalho da Divisão. Investigações e trabalhos de pioneiro foram levados a cabo, particularmente na aplicação da fotocomposição, por meio de coordenador, na elaboração das listas telefónicas e de outros trabalhos. Daí a introdução deste processo nas impressoras da Imprensa Nacional.

Não só foram efectivos os trabalhos de análises e programação, como foi de importância vital a escolha do equipamento mais adequado. Continua ainda em estudo a extensão de aplicação de ordenador na composição, mantendo-se activa e constante investigação.

Equipamento de impressão e encadernação

As funções e responsabilidades da secção de impressão incluem o estudo de novos métodos de impressão e consequente investigação sobre o respectivo equipamento.

O desenvolvimento das máquinas de imprimir e encadernar tem de ser relacionado com os projectos de momento. Assim, máquinas já existentes podem ser adaptadas ou novas unidades concebidas especialmente para determinados trabalhos. Foi essa combinação que permitiu à oficina de Gatheshead equipar-se devidamente e conduziu à instalação de máquinas, construídas especialmente, para executarem uma variedade de trabalhos de formulários continuos e outros de carácter confidencial.

A secção de máquinas de impressão prepara também especificações técnicas

para todas as máquinas necessárias à Imprensa Nacional, quer para impressão, quer para encadernação, obtendo as necessárias propostas para os fornecimentos e fazendo as respectivas encomendas.

Os serviços técnicos dispõem ainda de uma biblioteca especializada.

Serviços de reprodução gráfica

A Divisão a que nos referimos preocupa-se também com a técnica da reprodução documental. Dispõe de uma secção de serviços de reprodução, a qual fornece conselhos técnicos, neste campo, aos departamentos do Estado. Nos últimos anos tem havido uma grande evolução nesta especialidade. A reprodução de certo número de cópias de determinado original é agora um serviço de aplicação de equipamento auxiliar, vasto e de largas dimensões em qualquer organização comercial; o seu movimento está constantemente a aumentar e não é tarefa fácil manter-se a par de toda a evolução. A reprodução de documentos evoluiu da simples operação manual do duplicador — usado como auxiliar das secções de dactilografia — para uma organização complexa, na qual não só os processos de reprodução são numerosos, mas que inclui fotografia, gravação de chapas, «lito-offset», fotocomposição, microcomposição, perfuradoras, máquinas de endereçar e ainda, processos de acabamento relacionados com este equipamento. Muito do equipamento é manejado por pessoal de escritório e a tarefa de os ensinar é levada a cabo com a ajuda de demonstrações especiais em sala, na área de Whitehall, onde é mantida uma variedade de equipamento moderno.

Laboratório

Uma das principais funções do laboratório é controlar a qualidade dos materiais e produtos acabados adquiridos pela Imprensa Nacional, na sua posição de impressor, editor e fornecedor de formulários aos serviços públicos.

Ensaio selectivos são levados a efeito com amostras extraídas das entregas, quer nos armazéns da Imprensa Nacional, quer nos depósitos dos utentes.

É de salientar a função conselheira da Imprensa Nacional aos utilizadores de impressos e a outros interessados, aos quais são prestadas informações sobre problemas causados pelo uso daqueles. Novos produtos e processos da indústria gráfica são investigados e avaliada a sua utilidade nos serviços governamentais. Há preocupações constantes para aumentar a segurança dos documentos oficiais.

O laboratório central situa-se em Londres, mas há também outros fora da capital, em Alperion, Wembley, Manchester e Bristol e na oficina da Imprensa Nacional em Gatheshead.

O Governo emprega a impressão desde o século XVI como meio de informar os cidadãos dos seus deveres

e direitos. Actos do Parlamento e notícias públicas foram sempre objecto de séria (ou mesmo severa) mensagem; mas nos últimos cinquenta anos alguns tipos de impressão inteiramente novos surgiram, indicando uma mais humana relação entre o Parlamento e os serviços civis, por um lado, e o público em geral, pelo outro.

Os departamentos do Estado, no decurso dos seus deveres, compilam informações de grande valor para aqueles que exercem profissões liberais ou se dedicam ao comércio e à indústria. Estas informações são publicadas pela Imprensa Nacional para benefício dos cidadãos, e faz-se todo o possível por apresentá-las de modo atraente, mas dentro de estilo relevante para o assunto.

Os originais são primeiramente verificados pela secção de desenho da Imprensa Nacional, onde o texto é visualizado pelos desenhadores, estudado o formato e a capa. Estabelecem-se estilos que se mantêm, adaptando-se ou desenvolvendo-se quando necessário. Esta secção avista-se com os departamentos do Estado quando se trata da preparação de ilustrações, diagramas e mapas.

O desenhador pode ter começado a sua carreira como compositor tipográfico ou pode ter-se diplomado por uma escola de arte. Ele tem de verificar cada trabalho do princípio ao fim, tomando, portanto, a responsabilidade pela concepção das páginas de texto, dos títulos, desenhos ilustrativos, quadros, encadernação e capa. O pessoal de desenho inclui um grupo criativo, que fornece uma vasta gama de serviços.

A média de qualidade de produção é notável, podendo encontrar-se num extremo um livro de vinte libras e no outro um simples impresso. A gama de produção inclui trabalhos oficiais para funerais de Estado e coroações; complexos livros de plantas de cidades, generosamente ilustrados a cores, planeados em estreita colaboração com os autores; revistas para decorações desenhadas por organizações privadas, e ainda assistência na execução dos estudos preliminares das listas telefónicas. De facto, pode dizer-se que qualquer desenhador que tenha trabalhado para a Imprensa Nacional durante dois ou mais anos adquiriu uma experiência profissional de nível elevado. Alguns pedidos ocasionais de grande urgência têm de ser satisfeitos sem falta, e isto, mais do que qualquer outra coisa, obriga o desenhador a planejar o seu trabalho lógico e cuidadosamente.

O desenhador na Imprensa Nacional deve conhecer alguma coisa sobre a aproximação sistemática com qualquer trabalho privado; deve saber como os contratos públicos são feitos com os impressores. Mas isso não elimina oportunidades para utilizar ideias criadoras e alguns trabalhos (principalmente para National Portrait Gallery, Museu Alberto e Vitória e Museu de Londres) são do mais alto nível.

DO PASSADO-II

SUBSÍDIO PARA HISTÓRIA DA AMOEDAÇÃO EM PORTUGAL



Cap. 1. Trata da offerta que à custa dos Moedeiros se ha de fazer todos os annos na Procissão do Corpo de Deos; & q̃ se continue com os 24 U que á custa da Fazenda Real se offerçem a Nossa Senhora da Conceyção nos dias de sua festa.

Cap. 2. Do tempo em que o Provedor, & mais Officiaes da Casa haõ de hir a ella, & que sejam apontados os que faltarem pelo Guarda livros, sem certidão do qual naõ seraõ pagos.

Cap. 3. Que o ouro de que se lavrar a Moeda tenha vinte dous quilates, & a prata onze dinheiros, & que a Moeda seja igual, sem que defira huma da outra.

Cap. 4. Que a Moeda que naõ sahir da nova fabrica bem cunhada, ou com qualquer imperfeição, se corte, & torne a fundir.

Cap. 5. Trata do preço da prata, & ouro.

Cap. 6. Que haja Provedor na Casa da Moeda em lugar do de Juiz, que andava annexo ao Officio de The-soureiro; & do modo que se ha de haver com as partes, & Officiaes da Casa.

Cap. 7. Que o Provedor procure saber a alteraçã que ouver na Moeda dos Reynos vezinhos, & dé conta no Conselho todos os annos; como tambem do preço dos cambios, & da novidade q̃ ouver na Moeda deste Reyno, & suas Conquistas, & se excede o valor, do preço do ouro, & prata, ao que està ordenado.

Cap. 8. Que o Provedor visite as Officinas, & mande prover o q̃ for necessario para a Fabrica do dinheiro.

Cap. 9. Trata dos ensayos do dinheiro, & que se tire huma Moeda para esse effeyto, & se recolha o que della se cortar na Arca dos enserros, achandose que està na conta da ley.

Cap. 10. Trata da fórma em que se haõ de fazer os enserros.

Com o fim de obter «melhor disposição, do governo da Casa, & da fábrica, & augmento do dinheyro em meus Reynos» ordenou D. Pedro II que uma comissão presidida pelo conde da Ericeira, então vedor da Fazenda, e constituída por «ministros & pessoas praticas» elaborasse novo regulamento da Casa da Moeda.

De tão importante documento, publicado em 9 de Setembro de 1686, transcrevemos o sumário dos setenta e nove capítulos que o compõem.

Cap. 11. Como o Provedor ha de proceder contra os Officiaes que na Moeda faltarem á fidelidade que saõ obrigados; & que lhe pertence a nomeação dos 104. Moedeiros que ha de haver; & assistir á Eleição dos Officiaes da Confraria de Santa Anna.

Cap. 12. Trata dos Assentos que haõ de ter os Officiaes da Casa, na Mesa em que assiste o Provedor.

Cap. 13. Trata dos quilates que haõ de ter as pessas que obrarem os Ourives do ouro, & que sejaõ de onze dinheiros as que obrarem os da prata; & que o Provedor corra todos os mezes as Ruas de huns, & outros; & que para a execuçaõ desta diligencia requeira aos Corregedores, & Juizes do Crime lhe assistaõ.

Cap. 14. Que o dinheiro que se fizer se entregue em presença do Provedor; & quando defira ao pezo da Moeda, se dê conta no Conselho.

Cap. 15. Trata do Officio de Thesou-
reiro, & qualidades, & obrigações
que ha de ter.

Cap. 16. Que o Thesoureiro não receba
ouro, ou prata para se fazer em
Moeda corrente sem ser ensayada,
& da Balança se entregue ao Fun-
didor.

Cap. 17. Trata da fôrma em que se ha
de fazer a entrega do dinheiro novo.

Cap. 18. Que o dinheiro novo que o
Thesoureiro receber pertencente a
partes, não poderá trocar por outro
velho.

Cap. 19. Que o Thesoureiro não faça
despeza para obras, ou Engenhos,
sem ordem do Conselho.

Cap. 20. Que haja livro do assenta-
mento em que se lance o Ordenado
que a cada hum dos Officiaes da
Casa tocar, & delles se faça todos
os annos folha para seu pagamento.

Cap. 21. Que o Thesoureiro não divirta
a prata, ou ouro, que as partes me-
terem na Casa da Moeda.

Cap. 22. Trata do Officio de Escrivão
da Receita, & que este poderá sub-
stituir o de Provedor em quanto senão
prover no Conselho.

Cap. 23. Da fôrma em que se haõ de
fazer as Receitas no livro principal
dellas.

Cap. 24. Da fôrma da conferencia das
contas dos Officiaes da Casa no
livro segundo da Receita de Emmen-
tas.

Cap. 25. Trata da fôrma da entrega da
Casa no livro tercelro de Receita, &
que haja quarto livro para Ementa
de contas entre os Officiaes da
Casa.

Cap. 26. Da fôrma em que se ha de
entregar o dinheiro que se ouver
feyto.

Cap. 27. Que as Sizalhas que se pe-
zarem as tomarà em lembrança em
hum caderno o Escrivão da Receita.

Cap. 28. Que os livros da Receita
estejaõ fechados, & ao tempo de
dar o Thesoureiro a conta os leve
o Escrivão da Receita aos Contos
com as cabeças feytas, & vá assis-
tir naquelle Tribunal quando delle
seja chamado.

Cap. 29. Trata da obrigação do Officio
de Escrivão da Conferencia.

Cap. 30. Trata da obrigação do Officio
de Juizes da Balança.

Cap. 31. Que os pezos sejaõ affilados
pelo Affilador da Cidade dentro na
Casa da Moeda.

Cap. 32. Que os pezos, & Balanças
que não estiverem ajustadas, os
Juizes dellas faraõ chamar para esse
effeyto Officiaes que as concertem,
& com elles os dous Contrastes.

Cap. 33. Que a Balança da Casa do
Despacho, & seus pezos, esteja fe-
chada, & que se tenha nella, & nas
mais todo o resguardo.

Cap. 34. Trata da fôrma em que os
Juizes da Balança haõ de prover o
dinheiro depois de feyto.

Cap. 35. Que os Juizes da Balança,
pezem toda a Moeda que proverem
até a de 100. pelos seus Padroões,
& a de 80. reis para baixo por
Marcos, sem compensarem a mayor
com a menor.

Cap. 36. Trata do preço porque se ha
de pagar ás partes o ouro, & prata
que for da ley, & que a Moeda de
ouro tenha o pezo a respeito do
preço porque se pagar o Marco, &
que assim se façam os Padroões.

Cap. 37. Trata da mesma materia do
cap. acima pelo que toca à prata.

Cap. 38. Da fôrma em que os Jui-
zes das Balanças haõ de proceder,
quando no pezo do dinheiro crescer,
ou faltar em huma partida, o que
chamaõ, fortes, & febres.

Cap. 39. Que os mesmos Juizes não
aprovem Moeda a que falte algum
dos requisitos deste Regimẽto, &
que as Balanças estejaõ de maneira
que senão possa alterar o verda-
deiro pezo, & das mais obrigações
que lhe tocaõ.

Cap. 40. Trata da obrigação do Guarda
livros.

Cap. 41. Da fôrma em que ha de ter
os livros, & mais papeis, & que não
possaõ sahir da Casa da Moeda.

Cap. 42. Que o mesmo Guarda livros
sirva de Comprador, & tenha livro
para as despesas que fizer, & como
se lhe haõ de levar em conta.

Cap. 43. Trata da obrigação do Officio
de Fundidor.

Cap. 44. Que na Casa em que assitir
o Fundidor haja Balanças grande, &
pequena com seus pezos, & que
andem muyto ajustados.

Cap. 45. Que as affinações que se fize-
rem, sejaõ de dia; & quando tomem
alguma parte da noyte se dé conta
ao Provedor para mandar ter o re-
guardo no fogo.

Cap. 46. Que não faça fundição sem
primeyro dar conta ao Provedor,
para lhe nomear Guarda para ella.

Cap. 47. Que toda a partida de ouro,
ou prata, que se acabar de fundir,
se recolha em Caixotes de tres
chaves, até se fazer o ensayo della.

Cap. 48. Que as Sizalhas que proce-
derem do dinheiro se tornẽ a fundir,
& que faltando aos Officiaes que
o obrarem alguma prata, ou ouro
por quebras, lho descontará o Fun-
didor pelo mesmo preço que lho
pagar a Fazenda Real depois de
affinado.

Cap. 49. Trata do Officio de Ensayo-
dores, & que cada hum tenha seu
Ajudante quem ensinem, aos quaes
se lhe mandarà dar pelo Conselho
da Fazenda a ajuda de custo que
parecer.

Cap. 50. Que os Ensayadores tenhaõ
Casa particular, & nella todos os
aparelhos para os ensayos.

Cap. 51. Que os Fundidores assistaõ
a todas as fundições que se fize-
rem, & façaõ de cada Crassada, ou
Cadinho que se fundir dous ensayos,
pondo sempre o ouro, & prata na
conta da ley.

Cap. 52. Trata da fôrma em que os
Ensayadores faraõ os ensayos, & das
marcas que porãõ nas Barras do
ouro, ou prata que ensayarem.

Cap. 53. Que haja duas chapas em que
se imprimaõ as marcas de que
usarem os Ensayadores, para se con-
ferirem com as Barras que as tive-
rem, de que se ouver de fazer o
dinheiro.



MATINGRAFE

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES
E ARTES GRÁFICAS, LIMITADA

R. RAMALHO ORTIGÃO, 39 D. E
TELS. 4.41.02-4.41.73 - LISBOA

REPRESENTANTES DISTRIBUIDORES DE

DRESSE, S. A.

Tintas de impressão tipo e offset

MINNESOTA 3M

Placas pré-sensibilizadas e produtos
offset

SANDVIK

Lâminas para corte e vinco

JACQUES LEPICARD

Pó anti-repintagem Meculpa e produ-
tos auxiliares de impressão

PRODUTOS MAG

Reveladores, fixadores e produtos
auxiliares para chapas pré-sensibili-
zadas de qualquer marca; recupere-
dores de caucho, etc.

ÚNICOS FABRICANTES EM PORTUGAL
DE NUMERADORES E DATADORES
AUTOMÁTICOS
GRAVURA COMERCIAL, INDUSTRIAL
E ARTÍSTICA
MEDALHAS E EMBLEMAS
DESPORTIVOS
MEDALHAS COMEMORATIVAS
DISTINTIVOS PARA CONGRESSOS
PLACAS ARTÍSTICAS PARA PRÊMIOS,
EM EXECUÇÃO MUITO ESMERADA
FORNECEDORES DOS PRINCIPAIS
CLUBES E FEDERAÇÕES DO PAÍS

VIÇOSO MORATALLA & C^a

Rua de S. Julião, 72 - LISBOA-5
Telef. 32.49.35

Cap. 54. Que não concordando os Ensayadores no ensayo que tiverem feyto, chame o Provedor terceiro, para todos fazerem novo ensayo.

Cap. 55. Que se faça a ultima prova por ensayo, em todo o dinheiro depois de feyto em Moeda.

Cap. 56. Trata dos livros que haõ de ter os Ensayadores, que não aceitem ouro, ou prata de pessoa alguma sem primeyro darem parte ao Provedor, & que não tenhaõ sociedade com o Fundidor.

Cap. 57. Trata do Officio de Fiel da Fabrica da Moeda, & suas obrigações.

Cap. 58. Que o Fiel escolha hum Moedeiro para seu Ajudante, que possa suprir nas suas faltas, & tenha cuidado que não fique fogo em parte que possa haver perigo, & senão destruaõ os Engenhos.

Cap. 59. Da fórmula em que o Fiel ha de receber o ouro, & obrar as Moedas.

Cap. 60. Da fórmula em que ha de entregar as Moedas que obrar, & sorte de que haõ de ser, para os Juizes da Balança as proverẽ, & se entregarem ao Guarda do Cunho.

Cap. 61. Trata da fórmula em que o Fiel ha de entregar as Sizalhas que procederem do dinheiro que ouver feyto o Fundidor, & requerer o pagamento dos feytos.

Cap. 62. Que senão possaõ unir o Officio de Fiel, ao de Fundidor, nem Guarda do Cunho, & que sejaõ sempre estes tres Officios distintos.

Cap. 63. Que nas Officinas em que se fizer a Moeda possa haver Forjas não sendo capazes de fundir, & em que se possaõ recoutar as Barras, & que o Provedor tenha cuidado não entrem nestas Casas instrumentos em que se possaõ derreter metaes, nem pessoas de fóra.

Cap. 64. Que haja Fiel da prata, na fórmula do do ouro, & que hũ, & outro não vencerãõ Ordenado.

Cap. 65. Trata do Officio de Guarda do Cunho, & suas obrigações.

Cap. 66. Que o Guarda do Cunho tenha huma Arca em que guarde todos os ferros delle.

Cap. 67. Da obrigação dos Abridores dos ferros, & fórmula em q̃ haõ de abrir as Armas para a Moeda.

Cap. 68. Que nos ferros para cunhar as Moedas se guarde a fórmula que hoje se observa cõ a nova, para que sempre sejaõ iguaes em tudo.

Cap. 69. Que os Abridores do Cunho tenhaõ Casa na Moeda, de que cada hum terá sua chave, & não abraõ Armas fóra della, & que as que abrirem para as Secretarias sejaõ de maneira que se não equivoquem com as da Moeda.

Cap. 70. Que o Officio de Serralheiro tenha Casa, & Forja dentro na Moeda, & que se faça com elle contrato.

Cap. 71. Que o Porteiro da porta do Pateo, seja juntamente da Casa do Despacho, & das obrigações que lhe tocaõ.

Cap. 72. Que o Meirinho da Casa não vença Ordenado, & sirva juntamente de Carcereyro da prisãõ que ha na Casa; & quando tenha diligencia para que seja necessario Escrivaõ, a faça com hũ dos da Conservatoria.

Cap. 73. Da obrigação do Contino da Casa, que hajaõ de mâtimento 100. reis por dia, com obrigação de fazer varrer duas vezes na somana o Pateo, & Casa do Despacho.

Cap. 74. Que o numero dos Moedeiros não exceda dos 104. que permite a Ordenaçãõ. Da fórmula em que se repartiráõ nas occupações da Casa; que o não possa ser quem tiver Officio de Ourives.

Cap. 75. Trata do lugar de Conservador, & suas obrigações. Da fórmula em que armará os Moedeiros, que seja hum Vereador da Camara, & vença 30 U de Ordenado cada Anno.

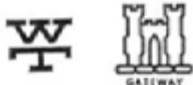
Cap. 76. Que sucedendo fundir-se alguma Moeda que corra, natural, ou estrangeira, se faça nella novo ensayo; como tambem na que entrar de fóra de outros Reynos.

Cap. 77. Trata da fórmula que se ha de ter nos ensayos, & arrecadação entre os Officiaes, do ouro que vier das Conquistas & os quilates que ha de ter para se lavar em Moeda.

Cap. 78. Que havendo de se fazer na Casa dinheiro de Cobre, senão lavre nas Officinas em que se lavar ouro, ou prata, mas em Casa separada.

Cap. 79. Trata da jurisdicção do Provedor da Casa.

conqueror



**Um papel
de qualidade
para máquina
de escrever.**

Em stock para entrega imediata:
61, 47, 71 e 100 g m2

Branco, Anilado, Azul e Cinza.
LISO e VERGÉ

Aconselhe bons papéis aos seus clientes.
Dignificará a sua arte e aumentará a sua clientela.



Ahlers Lindley, Lda.



O Pescador

Reprodução de um desenho directo em pedra litográfica de Alfredo Morais

Alfredo Januário de Moraes nasceu em Lisboa, no dia 19 de Setembro de 1872, e morreu em 4 de Fevereiro de 1971. Aprendeu litografia na Imprensa Nacional de Lisboa, cuja secção chefiou por muito tempo. Foi, além de excelente artista litógrafo, um aguarelista notável.

CONSULTÓRIO TÉCNICO

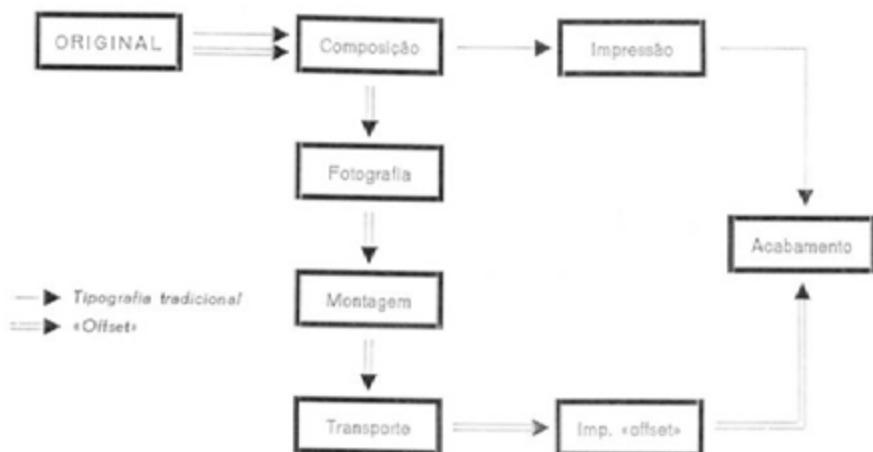
A CARGO DE A. G. PIRES

O FUTURO DO «OFFSET»

1.º — Um dos assuntos que na realidade eu mais desejaria esclarecer é sem dúvida: — "Quais as possibilidades previstas sobre a tipografia em relação ao Offset e, muito principalmente, na obra de livro!"

Primeiro a consultora começa por duvidar das «possibilidades» da tipografia. Que tipo de possibilidades? A dúvida reside na produção tipográfica de livros em relação ao sistema *offset*? Pois bem: tanto quem nos consulta como a maioria dos nossos leitores têm consciência das limitações das tiragens editoriais no País.

Compor *tipograficamente* um volume com um número conspícuo de páginas para se imprimirem apenas algumas centenas, e raras vezes poucos milhares de exemplares, toca as raias do absurdo o pensar-se na impressão *offset*. Isto, por motivos óbvios. Esquemáticamente ter-se-ia:



Qual seria a vantagem da opção pela *offset*? A pergunta parece desnecessária. Concordamos nas desvantagens, salvo casos raríssimos em que o número e dimensões das ilustrações aconselhassem economicamente o sistema.

Quer dizer: a problemática depende mais dos factores ponderados de ordem económica cujos parâmetros estão ou devem estar na base de toda a opção do sistema em ordem ao número e à qualidade do produto.

Talvez isto signifique que a tipografia entre nós sobreviva. O grau preferencial eleva-se quando se julga até insubstituível a pequena empresa tipográfica para execução rápida (?) de pequenos impressos (pessoais de correspondência, de apresentação e funcionais comerciais-administrativos, sol-

tos ou contínuos). São estes os viveiros da mão-de-obra mais ou menos qualificada para fornecer a média e a grande indústria.

Mas será que a média e a grande indústria gráfica se inclinam para a *offset*?

A grande empresa, com programação bem definida, voltada para um campo específico de produção literária, sem dúvida alguma tem toda a vantagem na escolha do sistema *offset*, a folha ou a bobina. Mas essa vantagem implica ou, pelo menos, aumenta com a adopção da fotocomposição.

O processo tradicional da composição a quente não ajuda nem aconselha a *offset* e torna morosa a obtenção da matriz de impressão.

O sistema a frio, além de eliminar o investimento em liga metálica, por

vezes considerável, responde às exigências de rapidez e higiene. Anula-se a poluição das composições a quente e o trabalho monótono do compositor manual. Em seu lugar, e a substituir os cavaletes e estantes, os compositores e as galés, surgem mesas de montagem, tesouras, lâminas e fita adesiva.

Nem a correcção das provas, em emendas da última hora, constitui problema insuperável. Existem no mercado equipamentos automatizadores do processo de correcção facultando ao operador a primeira revisão através do mostrador luminoso (*écran*) onde são lidas as palavras, as linhas, as páginas, à velocidade comandada, ainda antes, mas quase simultaneamente, de a *imagem* se fixar fotograficamente ao papel ou à película que servirá para a «montagem». Com esta forma intermédia se processa o «transporte» que origina a chapa-matriz, a qual (no sistema *indirecto offset*), transmite ao cilindro de borracha (cauchu) a tinta que recebe para a cedência ao papel (suporte).

No n.º 5 de *Prelo*, Oliver Floyd fazia apreciações interessantes sobre a «transição ou via rápida» para a fotocomposição. As suas considerações pertinentes completam o nosso ponto de vista em ordem ao meio gráfico português. Desde que se opere uma rápida e eficaz reconversão no sistema, não haverá razões para almentar saudosismos improdutivos. A adaptação é simples e não exigirá, por certo, despedimentos em massa nem a substituição «total» e imediata. Podem coexistir ambos os sistemas. Até o aconselhamos.

Gradualmente, operar-se-á um reequipamento metódico tendente a especializar a empresa em determinada linha de produção.

É claro que as linhas bem definidas da produção gráfica no nosso país não se vislumbram de fácil obtenção, salvo para aquelas empresas que pela sua capacidade e estruturação orgânica chegaram já à especialização. São poucas. Nem poderão ser muitas. Nunca tantas *offset* quantas tipografias de hoje!

A actividade editorial facilita um planeamento a médio e a longo prazo até, desde que haja interesses bilaterais, o apoio de editoras ou de livreiros; os formulários em contínuo, os periódicos e revistas, por número e qualidade, «podem» implicar e exigir a adopção rápida da *offset* e, como consequência, impor o sistema de composição fotográfica.

De *La France Graphique*, Janeiro de 1973, p. 45, extrai-se esta nota curiosa:

«30 por cento dos melhores livros britânicos classificados em 1972 foram já compostos a frio (fotocomposição). Sobre 118 volumes seleccionados, 35 deles foram compostos em *monophoto*,

1 composto em *linotype*, 1 composto em *lumitype* e 78 compostos a quente em *monotype*».

O grande quotidiano holandês *De Telegraaf* é composto por uma bateria de fotocompositoras CG 4962 TL *Compugraphic* com auxílio de computador.

O *Times* londrino não prescinde do auxílio do computador na actualização permanente do movimento da Bolsa e comandar a composição fotográfica das máquinas com tal rubrica».

É evidente que a impressão *offset* vem aqui chamada em forma dedutiva, pois não se vai necessariamente rejeitar o sistema quando aparecem textos em película. Mas não ignoremos o *nyloprint* (mais que o *dycril*) para o *offset* a seco (ou *letterset*) embora o saibamos sobejamente muito mais caro.

Por enquanto o problema está na opção relacionada com o produto final, qualitativa e quantitativamente.

É aqui que o problema surge, candente, enervante e vital.

Um jornal de Lisboa publicou, nos fins de Fevereiro passado, um pequeno apontamento que assinalámos com a devida vénia:

«A pequena empresa tem algum futuro?»

Especialização, cooperação, concentração — não parecem poder ser outras as grandes linhas orientadoras da política económica portuguesa. Há, na verdade, que resolver o problema que inevitavelmente suscita a competição aberta (para a qual se tende) entre as grandes empresas estrangeiras e as unidades portuguesas, de dimensão média muito menor.

Por isso, perguntar se a pequena empresa tem algum futuro no mundo económico moderno equivale, para nós, a perguntar se a grande maioria das empresas nacionais poderá sobreviver. Em teoria, a resposta é fácil: claro que a pequena empresa não está condenada, desde que saiba especializar-se e consiga estabelecer com outras unidades ou com o Estado laços de cooperação que lhe permitam ter acesso a domínios onde, isolada, não conseguiria chegar (*investigação, marketing, etc.*).

Na prática, porém, as coisas não se apresentam tão simples — sobretudo porque a pequena empresa, para subsistir, tem de se modificar. Essencialmente, há um preço a pagar pela sobrevivência numa economia cada vez mais dominada por unidades e grupos de grande dimensão, e esse preço é uma relativa perda de independência de empresário-patrão. Seja porque se associa com outras empresas de dimensão semelhante, seja porque fica dependente de serviços do Estado em certos domínios, seja, ainda, porque passa a girar na órbita de uma grande empresa (como subcontratante, por exemplo), a verdade é que a pequena

empresa moderna já não é a unidade independente que talvez tenha sido no passado — e que constitui o sonho de muitos donos de unidades de exígua dimensão.

Não pode, por isso, pretender-se, por um lado, modernizar a pequena empresa, assegurando-lhe condições de sobrevivência na economia de hoje, e, por outro, manter a plena independência de acção do pequeno empresário. A pequena empresa tem, de facto, futuro — mas na condição de se alterar o estilo tradicional de gestão dos respectivos dirigentes. A julgar pelo número escassíssimo de iniciativas de cooperação interempresarial que se tem registado entre nós, não restam dúvidas de que ainda não se deu, em Portugal, a necessária alteração de mentalidade na maneira de gerir a pequena empresa.

Para que tal aconteça e se evolua decididamente no sentido da modernização das pequenas unidades (e quantas são as empresas do nosso país que podem não se considerar 'pequenas' segundo padrões europeus?), indispensável se torna uma política de mais activo estímulo e mais esclarecida orientação por parte do Estado. A criação, como figura jurídica nova no direito português, dos agrupamentos complementares de empresas representa um passo no sentido certo. Mas é apenas um passo.»

(*Diário Popular*, de 21 de Fevereiro de 1973).

Ora, cá está, sem comentários. A aplicação, sem ser a «moral da fábula», pode fazê-la cada um dos leitores no sentido de uma abertura tendente à tal «mentalização». Depois, cada um de nós terá para si a noção das próprias dimensões e possibilidades.

A nossa época é de movimento. E a única palavra da técnica está ainda por dizer, pois o progresso não é o momento presente, mas o que vem depois.

Há que estabelecer o «ponto», considerar a «posição» e prever e projectar o amanhã madura mas decididamente, mesmo que tal represente uma operação com emprego do bisturi e o golpe seja rude, violento e profundo. O tempo encarrega-se de fazer sarar as feridas com a vitalidade das carnes frescas.

É preciso coragem. Os nossos dias pedem audácia ao ritmo veloz de tudo o que hoje aparece para amanhã se desprezar. Mas não será esta a ordem natural das coisas?

Manter-se-á entre nós a tipografia tradicional. Certamente. Mas não é menos certo de que subsistirá como subsidiária da *offset* e de outras técnicas de impressão, além de episódicos trabalhos ou encomendas sem vulto classificados do sistema que durante cinco séculos se manteve integralmente como surgiu.

SACOPEL

LIMITADA

PAPÉIS
E CARTOLINAS
PARA AS
ARTES GRÁFICAS

*Distribuidores dos papéis
de escrita de alta categoria:*

«Eden Grove Bond»
e
«Bear Bond»

Rua do Arco, a S. Mamede, 56

LISBOA - 2

Telefs.: 66 03 97, 67 33 06 e 66 82 96

ipaceto

FICHA TÉCNICA

PAPEL

Capa — Carlolina «Supercote» — C/1 —
v/branco/180/70 × 100

Texto — IB — Supercalandrado — C/1 —
90/61 × 86, IB — C/5 — 90/61 × 86

Extratexto — IO — 125/61 × 86

TINTAS

Capa — «Lorilleux», preto 1991, amarelo 5001,
encarnado 3004, laranja 4001. Extratexto,
preto 188

Texto — «Lorilleux», vinheta de luxo, 407
e encarnado 3142

COMPOSIÇÃO

Tipográfica, linotípica e manual

TIPOS

Textos — permanent corpo 8, corpo 10 e corpo
12 ○ □, ▽ □ e ○ ●

Títulos — (capitais diversas da fundição da
Imprensa Nacional) ○ □ nobel (antigas
diversas, da fundição da Imprensa Nacional)
○ □, ○ ▽, ○ ▽ ●, ○ ● ●, Grotesk
Imprensa Nacional (antigas largas)
○ □ ● ●

IMPRESSÃO

Tipográfica (texto) com máquinas plano-cilíndricas «Heidelberg» 64 × 90 e «offset» (capa e extratexto) com máquina «Roland Favorit» 52 × 72

Gravuras — Fotozincogravuras, Zincogravuras,
fotolitos e selecção da Imprensa Nacional.
— Casa da Moeda

ÍNDICE DE ANUNCIANTES

A	Pág.	M	Pág.
Acetalux	13	Matingrafe	19
Ackota (capa)	4. ^a	Modern Office	VII
Agfa-Gevaert	7	Monotype Portuguesa, L. ^{da} ...	24
Ahlers Lindley, L. ^{da}	20		
		P	
F		Pedro Dias, L. ^{da}	VIII
Fotomecânica, L. ^{da}	IV		
Friedrich W. Schubeins	VII	R	
		Raul Penaguião	23
I			
Inapa	VIII	S	
		Sacopel, L. ^{da}	23
J		Sociedade Comercial de Pape- larias Rabelo da Beira	
José Gaspar Carreira	VI	Douro, L. ^{da}	IV
		Sociedade Tipográfica	15
K		Stag (capa)	3. ^a
K. Saalfeld, L. ^{da} (capa)	2. ^a		
		V	
L		Viçoso Moratalla & C. ^a	19
Litografia de Portugal	VIII		
Luís Mayor Santos, Sucrs., L. ^{da}	VII		

artigos fotográficos

Raul
Penaguião,
Lda.

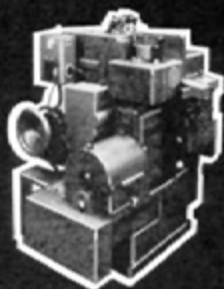
MAY & BAKER
QUÍMICOS FOTOGRAFICOS
ARTES GRÁFICAS

SEDE
ESCRITÓRIO
ARMAZENISTAS

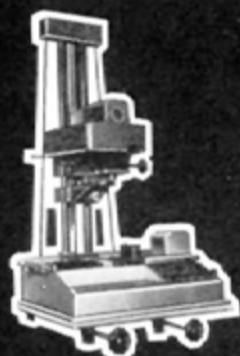
Av. Sidónio Pais, 14
Tel. 56 17 93/56 12 70
LISBOA-1

NÃO DISCUTIMOS QUALIDADE ! . . .

A nossa linha de produção domina todos os tempos



Fotocompositora
«Monophoto»
Mark 4 e Mark 5



Fototituleira
«Monotype»
Studio-Lettering



Perfurador
«Monophoto» 600
e Fotocompositora
«Monophoto» 600



Máquina de Compor
«Monotype»



Fundidora-compositora
«Monotype»



Fundidora Super
«Monotype»



Máquina de Coser a Fio de Arame
Boston «Monotype»

Monotype, Monophoto
e Lithotex são
Marcas Registradas

MONOTYPE

Monotype Portuguesa, Lda.
Rua dos Lusíadas, 8-A
Lisboa 3
Telefones: 63 22 07 - 63 22 59



stag

SOCIEDADE TÉCNICA DE ARTES GRÁFICAS, LDA.

Chegámos ao mercado das Artes Gráficas em 1946. Temos, portanto, uma experiência de 26 anos neste sector. Ao longo destes 26 anos o incremento da indústria gráfica foi notório. Temos procurado acompanhar este progresso, oferecendo aos nossos clientes tudo o que de mais moderno se oferece no campo internacional. Nesta linha de ideias, obtivemos a representação dos mais conceituados fabricantes mundiais, tanto de equipamentos como de produtos. A nossa linha de representações, que começou apenas com tinta, abrange agora praticamente todos os produtos e toda a maquinaria para a indústria gráfica. Num aspecto permanecemos iguais ao que já éramos em 1946: Em oferecer sempre qualidade indiscutível.

STAG – Sociedade Técnica de Artes Gráficas, L.^{da}

Rua de D. João V, 2, 3.º — LISBOA • Rua de Álvares Cabral, 27/29 — PORTO

STAG (Moçambique), L.^{da}

C. P. 4224

LOURENÇO MARQUES (Moçambique)

STAG (Angola), L.^{da}

C. P. 616

LUANDA (Angola)

AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM

artes grá ficas

MÁQUINAS
E ARTIGOS
PARA
ARTES GRÁFICAS

CHAPAS PRÉ-SENSIBILIZADAS PARA «OFFSET»
PAPÉIS E ETIQUETAS AUTO-ADESIVAS
PELÍCULAS FOTOMECÂNICAS, DE MÁSCARA
E SERIGRÁFICAS
CAUCHÚS E MANGAS PARA MÁQUINAS «OFFSET»
TINTAS E PRODUTOS QUÍMICOS

TUDO PARA
«OFFSET»
SERIGRAFIA
REPRODUÇÃO
FOTOMECÂNICA

ALCOTA

REPRESENTAÇÕES ALCOTA, S. A. R. L.

Avenida do Uruguai, 22-A, Lisboa-4 - Tel.: P. P. C. A.
70 50 51/2/3 - Telex 1620 ALCOTA - Telegs.: Alcota Lisboa

